

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS, LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS**

LISÂNGELA APARECIDA GUIRALDELLI

**ASSERTIVIDADE NO DISCURSO DA AUTOAJUDA: UM
OLHAR DISCURSIVO E FUNCIONAL**

São José do Rio Preto
2013

LISÂNGELA APARECIDA GUIRALDELLI

**ASSERTIVIDADE NO DISCURSO DA AUTOAJUDA: UM
OLHAR DISCURSIVO E FUNCIONAL**

Tese apresentada ao Instituto de Biociências
Letras e Ciências Exatas da Universidade
Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio
Preto, para a obtenção do título de Doutor em
Estudos Linguísticos (Área de concentração:
Análise Linguística)

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marize Mattos
Dall’Aglio Hattner

São José do Rio Preto
2013

Guiraldelli, Lisângela Aparecida.

Assertividade no discurso de autoajuda: um olhar discursivo e funcional / Lisângela Aparecida Guiraldelli. - São José do Rio Preto: [s.n.], 2013.

132 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Marize Mattos Dall'Aglio Hattner

Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Assertividade. 2. Autoajuda. 3. Gramática Discursivo-Funcional. 4. Modificadores. 5. Relativização. I. Dall'Aglio Hattner, Marize Mattos. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 81'1

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Prof^a. Dr^a. Marize Mattos Dall’Aglia Hattner – Orientadora
Unesp/Ibilce – São José do Rio Preto-SP

Prof. Dr. Eduardo Penhavel
UFV – Rio Paranaíba-MG

Prof^a. Dr^a. Taísa Peres de Oliveira
UFMS – Três Lagoas-MS

Prof^a. Dr^a. Anna Flora Brunelli
Unesp/Ibilce – São José do Rio Preto-SP

Prof^a. Dr^a. Gisele Cássia de Sousa
Unesp/Ibilce – São José do Rio Preto-SP

Suplentes

Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio
UEM – Maringá-PR

Prof^a. Dr^a. Flávia Bezerra de Menezes Hirata Valle
UFSCar – São Carlos-SP

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
Unesp/Ibilce – São José do Rio Preto-SP

Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo.

Ludwig Wittgenstein

Aos meus avós *Maria* e *Américo*
que, mesmo num outro plano,
continuam olhando por mim.

AGRADECIMENTOS

A *Deus* pela Vida e por me mostrar que tudo tem sua hora.

Às Professoras *Anna Flora* e *Gisele*, pelas importantes sugestões dadas por ocasião da Banca de Qualificação Geral.

Aos Professores *Anna Flora*, *Gisele*, *Táisa* e *Eduardo*, por terem aceitado participar da Banca de Defesa e pela leitura atenta e apurada.

A todos os membros do *Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF)* pelas discussões sobre GDF e pelas tardes de descontração.

Aos bons, velhos e novos amigos e companheiros de jornada: *Ana Maria*, *Valéria*, *Talita*, *Joceli*, *Norma*, *Lucivânia*, *Maria Luíza*, *Táisa*, *Aliana*, *Flávia*, *Edson*, *Marcos*, *Cibele*, *Juliano* e *Michel*, pela companhia, pelas viagens, pela troca de ideias e pela amizade que se fortalece cada vez mais!

À *Sílvia Emiko* e ao *Alex*, funcionários da seção de Pós-Graduação, à *Vanessa*, secretária do Departamento de Estudos Linguísticos e à *Vivian*, bibliotecária, pela atenção e presteza.

A toda minha Família, em especial, aos meus tios *Ana*, *Neri*, *Sirlei* e *Izilda*, por todo carinho e amor que têm por mim.

À *Dona Margarida* e ao *Senhor Braz*, pelo interesse constante.

Às minhas Amigas-Coordenadoras: *Maria Eunice*, *Maria Madalena*, *Lucimary* e *Eneida* por acompanharem essa trajetória e por entenderem a minha ausência em alguns momentos.

Às queridas Amigas da van: *Célia, Fátima, Jurema, Lucimary, Maria Madalena, Priscilla e Tatiana*, pelos momentos de descontração e alegria, pelas palavras de força e incentivo e pela amizade, acima de tudo!

Às Amigas-Irmãs: *Analucia, Cláudia e Eliana (Rep Chic 10)*, pelo interesse e preocupação. A distância é um detalhe!

À *Ana Rita*, pela gentileza e amabilidade, e por me receber em sua casa de portas abertas sempre!

Aos meus queridos *Amigos de Franca*, por todos os anos de amizade, companheirismo, boas risadas e interesse pela minha pesquisa.

Aos meus “*Amigos de Rio Preto*” que se tornaram pessoas importantes para mim e que participam, mesmo a distância, das etapas da minha vida.

Meus sinceros agradecimentos!

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

À Querida *Marize*, orientadora desde os primeiros passos, obrigada pelos ensinamentos, pela orientação segura e firme, pela amizade, pelo carinho e pelo incentivo nos momentos mais difíceis. Sua condução e seu olhar atentos foram fundamentais para que eu pudesse seguir. *Marize*, minha admiração e meu carinho por você são eternos!

À Família *Dall'Aglio Hattner*, pela atenção, respeito e amizade e por me receberem com muito carinho e bom humor. Vocês são especiais para mim!

À *Anna Flora*, pela excelente orientação na ocasião da Qualificação Especial, por me apresentar o *ethos* e por me dar o prazer de sua amizade.

À Querida Amiga *Ana Maria*, pela amizade e pelo companheirismo, pelas inúmeras viagens, pelas tardes de estudo e discussões teóricas e por ouvir minhas dúvidas e, claro, pelas boas risadas! É muito bom ter uma amiga como você!

Aos meus Pais, *Leila* e *João*, meu porto seguro sempre. Vocês são meus exemplos de força interior, equilíbrio e bondade!

Ao *Ricardo*, companheiro de TODAS as horas e meu maior incentivador. Obrigada por estar ao meu lado e confiar na minha capacidade sempre!

RESUMO

GUIRALDELLI, L. A. **Assertividade no discurso da autoajuda: um olhar discursivo e funcional**. 2013. 132f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos – Área de Concentração: Análise Linguística). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Unesp/Ibilce- São José do Rio Preto-SP.

Partindo da hipótese de que a relativização do conteúdo semântico não afeta a assertividade do sujeito enunciador do discurso da autoajuda, o objetivo deste trabalho é investigar quais são os contextos que autorizam a leitura da relativização como resultante de modificações que se alojam em diferentes camadas de estruturação do enunciado. Ou seja, a presente pesquisa pretende identificar, no plano da gramática, quais são os processos que contribuem, nos diferentes níveis de organização da língua, para os efeitos discursivos que, de alguma forma, relativizam o valor semântico de um enunciado assertivo. Para tanto, esse estudo se desenvolve dentro de uma perspectiva funcional da linguagem e tem como modelo teórico de análise a Gramática Discursivo-Funcional (GDF). Em última instância, é a inter-relação entre a semântica e a pragmática das estratégias discursivas que nos interessa investigar. O corpus desta pesquisa está composto por duas obras escritas originalmente em língua portuguesa e popularmente consideradas como literatura de autoajuda - *Abaixo a mulher capacho* (ABRÃO, 2009) e *O sucesso não ocorre por acaso: é simples mas não é fácil* (RIBEIRO, 1992). A literatura mostra que os livros de autoajuda, de maneira geral, pregam que o segredo para que qualquer indivíduo consiga melhorar de vida, alcançar o sucesso ou obter êxito financeiro está na crença incondicional na realização dos sonhos, dos projetos de vida, dos desejos etc. A partir dessa afirmação, o esperado é que esses discursos se pautem pelas indicações de certeza, eliminando os espaços para dúvidas e indagações que poderiam, de alguma forma, ‘abalar’ o lugar de saber do enunciador. No entanto, observa-se que o enunciador faz uso de uma série de estratégias que, ao relativizarem a força de um ato de fala, ao modalizarem a certeza de uma proposição ou ao generalizarem o valor de uma predicação, desempenham um importante papel na construção da argumentação desse discurso.

Palavras-chave: Assertividade. Autoajuda. Gramática Discursivo-Funcional. Modificadores. Relativização.

ABSTRACT

GUIRALDELLI, L. A. **Assertividade no discurso da autoajuda: um olhar discursivo e funcional**. 2013. 132f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos – Área de Concentração: Análise Linguística). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Unesp/Ibilce- São José do Rio Preto-SP.

Assuming that the semantic content relativization does not affect the assertiveness of the subject in the self-help discourse, the aim of this study is to investigate which contexts allow relativization as a result of modifications taking place in different layers of the utterance, i.e., to investigate, in grammatical terms, which are the processes that contribute, at the different levels of language organization, for discourse effects that, in some way, relativize the semantic value of an assertive utterance. For that purpose, this study rests on a functional language perspective in a Functional Discourse-Grammar (FDG) approach. It is the interrelation between pragmatics and semantics that is important to be analyzed. The data analyzed comprise the books *Abaixo a mulher capacho* (ABRÃO, 2009) and *O sucesso não ocorre por acaso: é simples mas não é fácil* (RIBEIRO, 1992). Literature shows that self-help books, in a general way, advocate that the secret to anyone wanting to improve their lives, to succeed or to achieve financial success is the belief in the unconditional fulfillment of dreams, life plans and desires. From this statement, it is expected that those discourses are guided by indications of certainty, eliminating spaces for questions and inquiries that might, somehow, interfere in the speaker's place of knowledge. However, it is noted that the speaker makes use of a number of strategies that relativize the certainty of a proposition or the value of a predication and, in doing so, play an important role in the construction of discourse organization.

Keywords: Assertiveness. Self-help. Functional Discourse-Grammar. Modifiers. Relativization.

LISTA DE ESQUEMAS, TABELAS FIGURAS E QUADROS

Capítulo III

Figura 1: GDF como parte da teoria de interação verbal.....48

Figura 2. Plano geral da GDF.....52

Capítulo V

Esquema 1: Posicionamento do enunciador na autoajuda para mulheres.....107

Esquema 2: Posicionamento do enunciador na autoajuda profissional.....108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

C	Conteúdo Comunicado
DECL	Ilocução Declarativa
e	Estado-de-coisas
f	Propriedade Lexical
FI	Força Ilocucionária
GDF	Gramática Discursivo-Funcional
GF	Gramática Funcional
I	Ilocução
IMPER	Ilocução Imperativa
INTER	Ilocução Interrogativa
l	Localização
m	Modo
NF	Nível Fonológico
NI	Nível Interpessoal
NLP	Neurolinguistics Institute - Programação Neurolinguística (PNL)
NM	Nível Morfossintático
NR	Nível Representacional
OPT	Ilocução Optativa
p	Conteúdo Proposicional
(P ₁) e (P ₂)	Participantes
PROI	Ilocução Proibitiva
q	Quantidade
t	Tempo
T	Subato de Atribuição
TV	Televisão
R	Subato de Referência
X	Indivíduo
Σ	Restritor

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I - O DISCURSO DA AUTOAJUDA: CERTEZAS ENUNCIADAS	20
CAPÍTULO II - A PRAGMÁTICA E A SEMÂNTICA DA ASSERTIVIDADE	33
CAPÍTULO III - A GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL E A INTERAÇÃO VERBAL	46
3.1 Características Gerais do Modelo.....	47
3.2 O lugar da Pragmática e da Semântica na Arquitetura da GDF	51
3.2.1 Nível Interpessoal.....	53
3.2.2 Nível Representacional.....	57
3.3 Os Modificadores dos Níveis Interpessoal e Representacional.....	62
CAPÍTULO IV - UNIVERSO DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	76
4.1 Constituição dos Córpus.....	76
4.2 Critérios de Análise	80
CAPÍTULO V - A ASSERTÃO PRAGMÁTICA E A RELATIVIZAÇÃO SEMÂNTICA	90
CONCLUSÃO	122
REFERÊNCIAS	129

INTRODUÇÃO

NATUREZA E OBJETIVOS DA PESQUISA

De acordo com Brunelli (2003), os livros de autoajuda, de maneira geral, pregam que o segredo para que qualquer indivíduo consiga melhorar de vida, alcançar o sucesso ou ganhar muito dinheiro está na crença incondicional na realização dos sonhos, dos projetos de vida, dos desejos etc. Assim, como analisa a autora, quem acredita que vai conseguir, consegue e quem duvida, não consegue. Trata-se, portanto, de uma questão de fé, de crença absoluta e, essencialmente, de jamais duvidar do poder que se tem de mudar a realidade em que se está inserido. Como se trata de uma questão de acreditar, de não duvidar, entende-se que os autores de obras consideradas de autoajuda, sujeitos desse discurso, também devem manifestar em seus textos, com relação às teses que propõem, essa mesma crença/confiança que pregam aos seus leitores. Como afirma Brunelli (2003, p. 8), “se as teses que apresentam são verdadeiras, se as fórmulas e orientações propostas efetivamente funcionam e se tudo é realmente uma questão de acreditar, então a incerteza e a dúvida devem mesmo ser manifestações excluídas e/ou rejeitadas nos textos desse tipo de discurso.”

A partir dessa afirmação, seria esperado que esses discursos se pautassem pelas indicações de certeza absoluta, eliminando os espaços para dúvidas e indagações que poderiam, de alguma forma, ‘abalar’ o lugar de saber do enunciador. No entanto, o que se observa é que, apesar de esses textos terem como característica essa assertividade, eles também trazem afirmações de conteúdo relativizado por meio de modalizações epistêmicas de possibilidade, indicações de frequência relativa, quantificações indefinidas e outras formas lexicais que parecem apontar um certo distanciamento do enunciador.

Diante dessa aparente incompatibilidade entre uma atitude assertiva do enunciador e a expressão de conteúdos relativizados, essa proposta de trabalho busca responder às seguintes perguntas:

- a) Como um texto que fala para e sobre um leitor tão genérico consegue ter um alto grau de assertividade?
- b) Por que as afirmações relativizadas, necessárias para falar para e sobre esse leitor genérico, não afetam a assertividade do enunciador?

Adotando um aparato teórico que permita a análise integrada dos aspectos pragmáticos, semânticos e sintáticos do uso da língua, nossa hipótese é a de que a assertividade do enunciador é construída no nível das relações pragmáticas e que a relativização dos conteúdos se processa no nível das relações semânticas, razão pela qual essa relativização não afeta a assertividade do sujeito enunciador da autoajuda e nem seu lugar de conhecimento e saber.

Sendo assim, o objetivo primeiro deste trabalho é estabelecer uma relação entre as configurações pragmáticas e semânticas do discurso da

autoajuda, descrevendo os modificadores e outros elementos linguísticos que parecem relativizar o efeito de sentido estabelecido por eles no discurso da autoajuda. Em última instância, é a inter-relação entre a semântica e a pragmática das estratégias discursivas que nos interessa investigar.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo se desenvolve dentro de uma perspectiva funcional da linguagem, apoiando-se tanto no modelo de análise da estrutura da oração em camadas proposto pela Gramática Discursivo-Funcional (GDF) como no conceito de força ilocucionária da Pragmática. Na GDF, os modificadores e outros elementos linguísticos que possam relativizar o conteúdo dos enunciados serão descritos dentro dos níveis de análise Interpessoal e Representacional e de suas respectivas camadas, conforme suas características pragmáticas e semânticas. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), no Nível Interpessoal os modificadores especificam as propriedades das unidades relacionadas ao modo como os Falantes moldam suas mensagens considerando as expectativas que têm com relação aos conhecimentos e sentimentos do Ouvinte; no Nível Representacional, nas camadas mais altas, os modificadores especificam as propriedades das entidades denotadas como um todo e, nas camadas mais baixas, os modificadores especificam subpropriedades da propriedade expressa pelo núcleo nominal.

Uma vez que a hipótese de trabalho envolve a noção de efeitos de sentido de envolvimento e de distanciamento, a apreciação das estratégias pragmáticas e semânticas de expressão da assertividade e da relativização exige a análise da língua em uso, e será feita em um tipo específico de discurso em que se observou um uso argumentativo bastante interessante dessas estratégias, a saber, o discurso da autoajuda.

O corpus desta pesquisa está composto por duas obras escritas originalmente em língua portuguesa para, assim, evitar possíveis questionamentos sobre a influência de traduções no texto analisado, o que se afastaria do âmbito dos objetivos aqui propostos. As obras selecionadas - *Abaixo a mulher capacho* (ABRÃO, 2009) e *O sucesso não ocorre por acaso: é simples mas não é fácil* (RIBEIRO, 1992) - são de publicação e de ampla divulgação nacional e popularmente consideradas como autoajuda.

A pesquisa que aqui se propõe apresenta os seguintes objetivos específicos:

- confirmar a assertividade como um traço característico do discurso da autoajuda e mostrar alguns fatores linguísticos que instauram essa assertividade;

- mostrar que o discurso da autoajuda também é caracterizado pela relativização dos conteúdos, e mostrar diferentes fatores linguísticos (dentre eles o uso de modificadores) responsáveis por essa relativização;

- investigar e descrever os modificadores que, em língua portuguesa, promovam a relativização;

- verificar em que medida a camada em que se aloja o modificador, ao estabelecer diferentes graus de subjetividade, afeta a relativização e a assertividade;

- verificar qual o efeito de sentido derivado dessas estratégias que, ao relativizar a força de um ato de fala, ao modalizar a certeza de uma proposição ou ao generalizar o valor de uma predicação, apresentam um importante papel na construção da argumentação;

ORGANIZAÇÃO GERAL DO TRABALHO

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: o capítulo I, **O Discurso da Autoajuda: Certezas Enunciadas**, é dedicado à compreensão do termo autoajuda e ao entendimento das características do discurso da autoajuda.

No Capítulo II, **A Pragmática e a Semântica da Assertividade**, encontram-se definições e esclarecimentos sobre o termo assertividade e sua relação com a pragmática e a semântica do discurso da autoajuda.

No Capítulo III, **A Gramática Discursivo-Funcional e a Interação Verbal**, há uma apresentação geral da arquitetura do modelo teórico da GDF (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008), com a discussão mais aprofundada dos níveis e camadas relevantes para o desenvolvimento e descrição do fenômeno

pesquisado. Além disso, apresentamos também os modificadores identificados nas diferentes camadas do Nível Interpessoal e Representacional.

O Capítulo IV, **Universo da Pesquisa e Procedimentos de Análise**, trata da constituição do córpous e dos critérios de análise utilizados.

O Capítulo V, **A Asserção Pragmática e a Relativização Semântica**, traz a análise e discussão dos dados levantados no discurso da autoajuda.

E, finalmente, as **Conclusões** são apresentadas no capítulo V; resumimos os resultados atingidos nesse trabalho trazendo reflexões sobre a análise realizada.

CAPÍTULO I

O DISCURSO DE AUTOAJUDA: CERTEZAS ENUNCIADAS

Para entendermos a constituição e o significado do discurso da autoajuda, faremos um breve histórico sobre a genealogia da literatura de autoajuda, que dá seus sinais iniciais em meados do século XIX. De acordo com Bosco (2001), a literatura de autoajuda é de origem norte-americana, marcada por temas que envolvem o sucesso pessoal, entendido como conquista material e ascensão social. Segundo o autor, no século XIX, os manuais de autoajuda em circulação disseminavam conselhos morais para a formação de caráter e o sucesso decorria dessa boa formação. Esses manuais de autoajuda, considerados como evangelho do autoaperfeiçoamento, tiveram como seus primeiros divulgadores ministros religiosos e a pregação para o sucesso feita por eles valorizava traços de caráter e qualidades, virtudes pessoais consideradas como um conjunto cujo resultado seria a recompensa em forma de sucesso.

Como observa Bosco (2001), que trabalha com cultura de massa e mercado editorial, as raízes da autoajuda americana se originam em tradições religiosas, uma vez que as crenças no desenvolvimento das potencialidades do

indivíduo são um dos aspectos da ética protestante que admite o sucesso como sendo resultado das qualidades do indivíduo. Desse modo, conforme o autor, a religião justificava, de forma moral, a ação dos homens na busca pelos bens materiais. Nas palavras de Bosco (2001, p. 7), “O indivíduo, em sua luta contra os obstáculos externos cultiva sua personalidade, e seu sucesso e boa fortuna terão sido sinal de aprovação divina. O esforço individual, contudo, não é somente a competição pura, mas uma ação com alcance social.”

Em meados do século XIX, o britânico Samuel Smiles¹ cunha o conceito de autoajuda com a publicação da obra *Self-Help* (1859). Na obra, virtudes como a perseverança, a parcimônia e a dedicação são consideradas como meios de promover o desenvolvimento pessoal. Segundo Nagamura (2011), que se dedica ao estudo da modalidade e da evidencialidade em discursos de autoajuda, a obra de Smiles é uma combinação de guia prático com coletânea de provérbios e hagiografia².

Segundo Rüdiger (1996), que trabalha na direção de compreender o significado dos textos de autoajuda na civilização e analisa o movimento de abstração do sujeito e o desenvolvimento do individualismo na sociedade moderna, o termo autoajuda (*self-help*) tinha o sentido de força de vontade ao cultivo dos bons hábitos e à formação do caráter, e a vida bem-sucedida pregada pela doutrina da autoajuda se baseava na prática de trabalho e no cumprimento de

¹ Médico e publicista escocês, seu livro consiste em uma série de palestras ministradas a jovens trabalhadores que buscavam o ensino/aprendizado mútuo de algumas disciplinas num período cujos valores morais eram sobrevalorizados.

² História de santos; ciência que se relaciona com coisas sagradas. Obras ou coleções de obras sobre santos; biografia de santos.

deveres que eram estabelecidos pela sociedade. Como completa Bosco (2001, p. 5), “o sucesso não é medido pela acumulação material, nem pelo acesso ao consumo, e sim, pelo cultivo dos traços de um bom caráter. O trabalho é uma prática indispensável para a construção desse caráter.”

Foi nesse período ainda, conforme Rüdiger (1996), que se consolidou uma cultura moral que dependia do conceito de dever³ e que buscou combinar o princípio de liberdade individual com obrigações voltadas à coletividade, ou seja, havia uma preocupação em cumprir o dever. Para o autor (1996, p. 43-44):

O homem ainda é visto como um ser que, ao invés de desejos, tem deveres; que vence quando concretiza, ao longo de uma vida, uma existência laboriosa, e não quando obtém satisfação com êxitos parciais, cuja razão de viver não é a satisfação de necessidades imediatas, mas com a formação e o desenvolvimento de um bom caráter (...).

Corroborando a afirmação acima, Chagas (2001), que adota um ponto de vista da psicanálise para identificar os principais pontos de articulação do discurso de autoajuda com os discursos dominantes da sociedade moderna, observa que o indivíduo vivia influenciado pelo que a cultura tradicional oferecia em termos de valores referentes à coletividade. Ou seja, o homem existia em fusão com a comunidade e não compreendia a existência de interesses pessoais, independência, liberdade que pudessem conflitar com o coletivo. O indivíduo “não podia viver de modo autônomo (livre) e em coletividade, a absoluta

³ Segundo Rüdiger, Smiles distingue três deveres: o dever para com a divindade, o dever para com os outros e o dever para consigo mesmo.

independência dependeria fundamentalmente da renúncia, seria uma libertação das imposições coletivas” (CHAGAS, 2001, p. 23).

O termo autoajuda foi criado, então, para expressar uma concepção moral do mundo e representava uma tentativa de conciliar esse ponto de vista com o crescente individualismo (RÜDIGER, 1996). Para Smiles (1859), a maneira que o indivíduo tinha de enfrentar o individualismo era recorrer à autoajuda; além disso, as respostas para os problemas enfrentados pelo indivíduo ainda se encontravam na moral. Podemos dizer, então, que a autoajuda se baseou no princípio do autocultivo, com estabelecimento de regras de bom caráter e conduta para validar as ações e transformar o modo de ser e de viver do homem em comunidade.

Rüdiger (1996) comenta que o conceito de autoajuda passou por várias alterações. Como vimos acima, no início, a autoajuda se referia à formação do caráter de um indivíduo que era parte integrante de uma comunidade. Posteriormente, no começo do século XX, seguidores da corrente chamada Novo Pensamento passaram a interpretá-la como o processo de utilizar o poder da mente, sobretudo o pensamento positivo, para alcançar sucesso, riqueza e prosperidade. Segundo Bosco (2001), o apego aos ideais do autoaperfeiçoamento e o evangelho do trabalho pregados no século XIX não garantiam mais o sucesso numa sociedade burocratizada e nomes como Norman Vincent Peale e Napoleon Hill difundiram o evangelho do sucesso no movimento do Novo Pensamento e usaram todos os meios para divulgar o Pensamento Positivo.

Para Griswold (1934, apud NAGAMURA, 2011), a corrente do Novo Pensamento propunha um sistema de controle da mente a seus participantes, que acreditavam que todo pensamento se tornaria matéria. Não havia uma personificação da divindade, e se podia entender Deus como uma Força Superior, a Mente, o Espírito, a Lei, a Natureza. Embora alguns seguidores se interessassem realmente pelo propósito da corrente que era “ensinar a infinitude do Ser Supremo, a divindade do homem e suas possibilidades infinitas através do poder criativo do pensamento construtivo e obediência à voz da Presença Interior, fonte de Inspiração, Poder, Saúde e Prosperidade” (GRISWOLD, 1934, p. 310, apud NAGAMURA, p. 40), muitos a seguiam com a intenção de ficarem ricos de forma rápida (cf. GRISWOLD, 1934). E, conforme observa Rüdiger (1996, p. 120), quando a corrente do Novo Pensamento se enfraqueceu, a busca pelo sucesso, pelo poder e pela paz espiritual havia se enraizado na mentalidade de muitos; dessa forma, “[o Novo Pensamento] contribuiu historicamente para transformar a prática de autoajuda em fenômenos de massa.”

Na metade do século XX, a ideia de autoajuda estava no fato de que todo aparato necessário para a realização pessoal estava centrado no indivíduo, no eu interior. O individualismo ganha novos rumos no século XX e o indivíduo moderno – que vive no coletivo, pois é por meio do coletivo que ele desenvolve sua individualidade – busca meios próprios para dar conta de si e mantém-se no social de maneira individual. O homem se torna independente e quer fazer escolhas, tomar decisões; sua crença religiosa precisa ser justificada racionalmente (CHAGAS, 2001).

Nesse momento da vida moderna, segundo Bosco (2001), há uma visão terapêutica presente no mundo e as instituições e programas de assistência respondem a essa necessidade. As décadas de 1960-1970, principalmente, veem essa tendência terapêutica consolidada e a sociedade se caracteriza pelo *ethos* terapêutico. Como salienta o autor, as publicações de autoajuda se referem a um indivíduo que, apesar de independente, está desequilibrado pela modernidade. Esse indivíduo pode ser passível de correção desde que uma crença implícita na técnica apresentada possa corrigi-lo. Ou seja, esse desequilíbrio provocado pela modernidade pode ser corrigido pela própria modernidade por meio de produtos de massa ou por terapia de especialistas.

A partir da sociedade moderna, o homem moderno busca autoconhecimento e felicidade e os valores, os desejos, as necessidades são diferentes de tempos remotos. Como aponta Chagas (2001, p. 26):

O homem moderno perde a orientação característica das sociedades tradicionais, deste modo, com o desenvolvimento do individualismo, cada qual buscando sua própria orientação. Uma das condições incorporadas pela autonomia do sujeito é a busca em si mesmo (de forças interiores), para auto-ajudar-se. (...). Assim sendo, os conteúdos da literatura de auto-ajuda orientam como essa condição pode ser alcançada, servem, dentre outras coisas, para proporcionar ao sujeito a esperança de poder, um dia, alcançar a realização pessoal. Na mesma proporção, os mestres pregadores da auto-ajuda procuram deixar seus leitores informados de que essa condição somente será possível se o sujeito realmente encontrar esses recursos que lhe são próprios e individuais.

Para Sobral (2006), a literatura de autoajuda moderna (publicações depois da II Guerra Mundial), no final da década de 1970, tem ênfase subjetivista

pura; isso quer dizer que essas obras procuravam promover o sucesso por meio da afirmação da personalidade do leitor. Em momento posterior, a literatura de autoajuda assume uma postura coletivista cósmica, ou seja, o alcance dos objetivos levando em consideração o plano transcendental. Segundo o autor, atualmente há uma junção dessas duas tendências em algumas obras sem o desmerecimento de uma tendência em relação à outra.

Mesmo com uma variedade de temas (saúde, profissão, relacionamento), Cawelti (1979) propõe três componentes básicos que conduzem a literatura de autoajuda: a) há um método ou técnica para alcançar o sucesso material (riqueza e poder); b) há uma ideia de realização e satisfação pessoal e meios para atingi-la e c) há uma dimensão transcendental que liga realização pessoal a ordem moral do universo.

Nos dias atuais, em que a literatura de autoajuda se encontra no auge, já tendo conquistado boa parte do mercado brasileiro, ganhando espaço nas prateleiras de vários países do mundo, observamos que suas práticas discursivas, conduzidas de maneira geral por esses três componentes vistos acima, se propõem como um método que serve para alcançar os mais variados objetivos que supostamente são conquistados com a força da mente, com a força interior do indivíduo que busca auxílio, incentivo e orientação.

Da rápida explanação sobre a origem histórico-social da literatura da autoajuda, considerada como conjunto de relatos, de manuais, de textos, de multimídia que ensina a conduzir a vida, os negócios, a obter êxito no trabalho, nos relacionamentos, corroboramos a afirmação de Nagamura (2011) de que esse

discurso, por se tratar de uma proposta simples, que não apresenta grandes exigências disciplinares, acaba atraindo muitos adeptos.

De acordo com Chagas (2001, p. 65), o discurso de autoajuda apresenta um tom encantador e deslumbrante, com fórmulas e técnicas espetaculares, totalitárias e milagrosas, e os leitores, por sua vez, não precisam exigir explicações e justificativas por meio de lógica convincente. Para o autor:

Se, por outro lado, fosse exigida uma explicação convincente, ou ainda, se fosse necessária (e possível) uma tentativa de fundamentação lógica, que explicasse suas contingências e justificasse seus efeitos e suas conseqüências, tal discurso, certamente, cairia no ridículo, por ser um discurso sustentado, acima de tudo, pela promessa que não cumpre, isto é, pela fantasia. (CHAGAS, 2001, p. 65)

Ainda como observa Nagamura (2011), pode-se perceber a influência da corrente do Novo Pensamento no discurso de autoajuda. Ou seja, na gênese desse discurso, Nagamura (2011) observa a relação com o discurso do Novo Pensamento, o que justifica uma das teses mais marcantes do discurso da autoajuda que é justamente a que considera a crença e/ou a certeza como condições para a concretização dos objetivos desejados.

Nessa linha de raciocínio, Brunelli (2004) já tinha observado que o sujeito enunciatador desse discurso manifesta a certeza e a crença que propõe aos seus destinatários em seu próprio discurso. Se o discurso de autoajuda prega que para alcançar sucesso, prestígio, conquistas é necessário acreditar de forma incontestável na realização dos sonhos e desejos, então, notamos que quem tem dúvidas não atinge o almejado. O discurso de autoajuda se apoia em um discurso

organizado para atingir o seu público e busca usar uma linguagem assertiva para mobilizar o leitor da forma que se deseja.

Segundo a autora, considerando que se trata mesmo de uma questão de crença, espera-se, então, que a dúvida e a incerteza não tenham espaço nesse discurso, no qual devem ser evitadas. Assim, ao investigar a modalidade no discurso de autoajuda, Brunelli (2004) constatou que a manifestação de certeza é mesmo um traço semântico constitutivo do discurso de autoajuda e o sujeito enunciador, convicto e envolvido com o que diz, afasta-se de enunciados incertos.

Como afirmam Fornari e Souza (2001, apud BRUNELLI, 2005, p. 40) “a literatura de auto-ajuda busca dar respostas às incertezas do sujeito contemporâneo que, perdendo as antigas referências, precisa que lhe digam como fazer as coisas, como gerir suas vidas.” Para tanto, o discurso de autoajuda proporciona orientações seguras, oferecidas por um sujeito convicto que se compromete com as teses que enuncia. E, segundo Brunelli (2004), o sujeito enunciador, no seu lugar de saber e de detentor de conhecimento, prega aos leitores que acreditem no próprio potencial para atingir os objetivos desejados. Assim, para a autora seria muito difícil que esse enunciador manifestasse incertezas sobre o que fala. Destacando essa mesma ideia, Chagas (2001, p. 63) afirma que:

Os líderes da auto-ajuda, por intermédio de suas afirmações, condutas e procedimentos demonstram segurança e determinação naquilo que acreditam, sobretudo quando subsiste a tentativa de convencer e persuadir as pessoas para seu modo de pensar (...) quando fazem referência à suposta força ou *poder interior*, que autoriza o indivíduo para o caminho da concretização de seus ideais e conseqüentemente da realização pessoal.

Em trabalhos que analisam o *ethos* do discurso em questão, Brunelli (2005 e 2008) verifica que o sujeito enunciador desse discurso constrói de si a imagem de um homem forte, confiante, seguro e otimista, o que permite ao discurso de autoajuda criar um cenário de estabilidade, que se torna propício para orientar o indivíduo contemporâneo que está em crise, carente dos aconselhamentos seguros que encontra nesse discurso.

Como aponta Chagas (2001), a ausência de incertezas proporciona ao indivíduo em crise uma sensação de segurança, confiança e bem estar que ele procura:

Os pregadores de auto-ajuda, com a insolência inabalável de seus posicionamentos e pelo seu discurso atrativo, acabam movimentando o sujeito na direção de um ideal soberbo, pelo ânimo provocado. (...) o sujeito passa a "gozar" de uma sensação de prazer, obtém tranqüilidade pelo reforço da certeza que o discurso de auto-ajuda apresenta. (CHAGAS, 2001, p. 65)

Segundo Turmina (2009), que destaca a emergência do discurso de autoajuda nas relações de trabalho, o discurso de autoajuda pode ser visto como um discurso carregado de ideologia que pretende penetrar e controlar o espaço do destinatário (trabalhadores das mais diversas áreas, pessoas carentes e

fragilizadas por situações diversas) e o efeito disso, para a autora, é gerar o bem estar do leitor.

Brunelli (2005 e 2008) observa também outras características desse discurso, tais como a clareza e a objetividade, que dizem respeito especialmente ao modo como o discurso de autoajuda apresenta suas teses: ao invés de refletir sobre elas, oferece aos seus destinatários conselhos e orientações, muitos dos quais materializados em enunciados imperativos. Segundo Brunelli, é preciso focar/direcionar o pensamento no que é realmente importante e desejável e formular tanto o pensamento quanto o que é dito de forma positiva, assertiva e objetiva para não atrair algo indesejável. Além disso, o discurso de autoajuda cria uma imagem positiva do mundo e da própria vida, segundo a qual tudo é possível e cada um realmente pode realizar todos os seus sonhos.

Entendemos, então, que o discurso de autoajuda sustenta que o indivíduo é responsável pelo seu destino e, por isso, quem tem atitudes e pensamentos positivos atrai situações positivas e prosperidade. Une-se a essa imagem positiva o tom de otimismo; essa característica sustenta que o leitor deve ter pensamentos de sucesso para conseguir atrai-lo, e as referências aos problemas do mundo são rejeitadas. Assim, o enunciador promove o otimismo, a motivação e a ideia de dias melhores por meio da autoajuda, indicando que todos os desejos podem se realizar como em um toque de mágica, afinal, o leitor pode e vai conseguir.

Assim, numa atitude acrítica para com suas teses, o discurso da autoajuda, de maneira geral, “ao invés de discutir causas, oferece receitas de

soluções e, com elas, promete a metamorfose de um indivíduo fraco e inseguro em alguém todo-poderoso, capaz de resolver todos os seus problemas independentemente do contexto em que está inserido” (BRUNELLI, 2008, p. 140). O conteúdo desses discursos é atraente e sedutor e busca fascinar e orientar os sujeitos leitores para as ações, uma vez que os enunciadores usam palavras, expressões e frases persuasivas que envolvem os adeptos eliminando, assim, qualquer possibilidade de reflexão crítica das técnicas e fórmulas ensinadas pelos pregadores da autoajuda.

Como vimos, o enunciador da autoajuda se caracteriza como um sujeito confiante, seguro, conhecedor do assunto a ser tratado e também como sendo determinado e focado, orientando seu leitor de forma direta para que este alcance os objetivos desejáveis. Para Brunelli (2004, p. 62), essa imagem condiz com o ideal de agir do discurso de autoajuda:

a auto-ajuda é um discurso fechado sobre si próprio. Assim como o homem ideal que define está voltado para a construção de si mesmo, esse discurso centra-se no que considera mais importante, isto é, o oferecimento de orientações concomitantemente à sustentação de suas teses. Como uma sala de espelhos, na qual o conteúdo dos enunciados coincide com as características da enunciação, a auto-ajuda apresenta, em seu ethos, o reflexo do ideal de ser/agir que ela promove.

Diante do que foi exposto sobre o discurso de autoajuda, podemos dizer que a certeza é uma de suas características mais evidentes. Dessa forma, o discurso é constituído por enunciados assertivos que promovem uma segurança para o leitor e uma credibilidade para o enunciador, uma vez que as teses

defendidas pelas práticas discursivas da autoajuda não são de natureza complexa e, por isso, atraem leitores que buscam uma receita “simples” para a solução de seus problemas. É das formas linguísticas de expressão dessa assertividade que trataremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

A PRAGMÁTICA E A SEMÂNTICA DA ASSERTIVIDADE

Uma vez que a assertividade¹ do enunciador do discurso da autoajuda é característica marcante e, por meio das asserções, esse enunciador desperta desejos e sonhos em seus adeptos, envolvendo-os em promessas de dias melhores, faremos aqui alguns apontamentos e esclarecimentos sobre o termo assertividade e sua relação com a pragmática e a semântica do discurso da autoajuda.

Em termos gerais, a palavra assertividade tem origem na palavra asserção, definida como “afirmação, proposição que se tem como verdadeira” (KOOGAN/HOUAISS,1996). Segundo o Dicionário Etimológico (CUNHA, 2010), asserção vem do Latim, *assevetationem, assertum*, que é o ato ou efeito de asseverar. Segundo o Priberam - Dicionário de Língua Portuguesa (2012), o substantivo assertivo é definido como uma proposição que se julga verdadeira;

¹ Os termos asserção e assertividade também são tratados na psicologia e estão relacionados a questões de comportamento e à competência emocional (autoafirmação e autoestima). De acordo com textos e publicações na área, a assertividade pode ser entendida como um conjunto de atividades e comportamentos que permitem ao indivíduo afirmar-se social e profissionalmente sem violar os direitos dos outros a sua volta. Ou seja, é o indivíduo que sabe se firmar em determinadas situações por meio de uma postura assertiva, nela incluída a forma segura e firme de se expressar.

uma alegação, afirmação categórica; e o adjetivo assertivo refere-se ao que tem caráter de asserção; que declara ou afirma algo.

A definição linguística de assertividade preserva os traços básicos do sentido comum do termo relacionados à afirmação de algo que se julga verdadeiro. Na perspectiva da Teoria dos Atos de Fala (apresentada inicialmente por Austin (1962)², os atos assertivos podem ser avaliados como uma forma genérica de interferência na realidade, cujo estado-de-coisas seria representado por uma descrição. Por meio da linguagem são realizadas diversas ações, que vão além da simples retratação da realidade, podendo modificar o mundo a partir dos enunciados proferidos. Essas ações podem ser assertivas, ou seja, podem dizer por meio da língua como os fatos, os acontecimentos ou os episódios são. Essas asserções estão contidas em sentenças declarativas afirmativas ou negativas e o enunciador, por meio de suas crenças, precisa ter evidências da verdade do conteúdo enunciado. Tem-se, então, a asserção como uma força ilocucionária que alcança adequação quando o enunciador considera o ato como supostamente verdadeiro e considera também seu ouvinte e as condições de interação.

A caracterização dos atos assertivos a partir de um tipo de força ilocucionária, embora produtiva, exige um detalhamento dos traços constitutivos dessa força. Vanderveken (1985, 1990) identifica vários componentes de cada força ilocucionária, tipificando as condições de satisfação e sucesso de cada ato

² Austin, na obra *How to do things with words* (1962), estabelece que, por meio da língua, podem ser realizadas diversas ações humanas, pois os falantes, ao enunciarem, não retratam somente a realidade, mas podem modificar o mundo. Os atos de fala podem ser entendidos como coisas que os falantes fazem com a linguagem, ou seja, a língua é considerada como forma de ação. Austin define três tipos de atos de fala, a saber: ato Locucionário, ato Ilocucionário e ato Perlocucionário e classifica os Atos Ilocucionários em: veredictivos ou judiciários, exercitivos, comissivos ou promissivos, e expositivos.

de fala. Esses parâmetros constituintes da força ilocucionária de um ato de fala, que apresentaremos aqui, deverão sustentar a análise, do ponto de vista pragmático, da assertividade do enunciador do discurso de autoajuda.

Para Vanderveken (1985), os falantes, em uma conversação, realizam atos de fala que são chamados de atos ilocucionais. Esses atos ilocucionais devem ser reconhecidos como unidades constitutivas da conversação e são atos elementares compostos pela forma $F(p)$, em que F é uma força ilocucionária e p é a proposição, de acordo com o que foi estabelecido por Searle (1969) ao definir as condições de uso dos atos de linguagem. Assim, segundo Moutaouakil (1986), a força ilocucionária associada a um conteúdo proposicional pode ser expressa por um indicador de força ilocucionária que pode ser um contorno intonacional especial, um morfema ou um verbo da sentença matriz.

Segundo Vanderveken (1985, 1990), a força ilocucionária, no entanto, é complexa e rica demais para ser considerada como primitiva na teoria dos atos de fala. O autor, então, defende a ideia de que cada força ilocucionária se divide em seis³ componentes, a saber: ponto ilocucional, modo de realização, condições relativas ao conteúdo proposicional, condições preparatórias, condições de sinceridade e grau de intensidade das condições de sinceridade.

³ Em trabalho de 1985 Vanderveken definia sete componentes da força, incluindo o grau de intensidade do ponto ilocucional que era posto pelo autor como o componente que também podia apresentar diferentes graus de intensidade. Em exemplos como (a) Prometo que amanhã irei à reunião e (b) Amanhã vou à reunião, observa-se que em (a) ao prometer algo, o falante compromete-se mais com a realização da ação futura do que em (b) cuja ação é simplesmente aceita. Para o autor, não há limites teóricos que definam o grau de intensidade de um ponto ilocucional, pois essa operação de aumento ou diminuição de grau de intensidade pode ser reiterada pelos falantes das línguas naturais. Para Vanderveken “um falante que realiza um ponto ilocucional (distinto do ponto declarativo) com um grau K de intensidade, também realiza esse ponto com todos os graus mais baixos.” (1985, p. 177). Porém, em trabalho posterior esse parâmetro foi desconsiderado e o autor passou a considerar seis elementos.

O **ponto ilocucional** é considerado o componente principal da força ilocucionária e expressa o que o falante pretende fazer ao executar um ato. Os pontos ilocucionais seguem uma classificação proposta por Searle (1969) – numa revisitação feita por este autor aos atos Ilocucionários de Austin – e se dividem em cinco tipos: *ponto assertivo* (representação de um estado-de-coisas como real), *ponto comissivo* (comprometimento do falante com uma ação futura), *ponto diretivo* (tentativa de levar o ouvinte a fazer algo), *ponto declarativo* (uso da língua para a realização de mudanças no mundo) e *ponto expressivo* (expressão de um estado psicológico do falante devido a um estado-de-coisas). Segundo o autor, esses pontos são suficientes para definir todas as forças ilocucionárias realizadas. Como mencionado acima, o ponto ilocucional é considerado o mais importante componente da força, mas Vanderveken (1985, p. 176) observa que o ponto é apenas um componente entre outros, pois diferentes forças podem ter o mesmo ponto: ordens, comandos, pedidos, sugestões, avisos, súplicas e perguntas apresentam o ponto diretivo; e asserções, testemunhos, predições, relatos, confissões e conjecturas têm o ponto assertivo.

O **modo de realização** constitui as diferentes maneiras e modos de realização de um ponto ilocucional de uma força ilocucionária. Em um testemunho, bem como em uma ordem, pedido ou asserção, o modo de realização de cada um é diferente. Segundo Garbelini (2007, p. 27), “toda gama de detalhes que pode ser agregada ao conteúdo proposicional qualquer, no momento de execução de um ato num ponto de realização específico, denomina-se modo de realização”. O modo de realização abre-se para uma pluralidade de usos

envolvendo, por exemplo, particularidades relacionadas aos integrantes no momento da enunciação, ao conteúdo proposicional, e ao uso de formas linguísticas como, por exemplo, formas verbais e advérbios que marcam o modo de realização.

As **condições relativas ao conteúdo proposicional** dizem respeito às imposições que certas forças ilocucionárias fazem em relação ao conjunto de proposições (conteúdo proposicional). Por exemplo, o conteúdo de uma predição deve ser uma proposição futura, o de um relato deve ser o tempo presente ou passado. Dessa forma, as condições de conteúdo proposicional estão envolvidas em uma dimensão linguística, pois, como afirma Garbelini (2007), determinam restrições sintático-semânticas à natureza de um conteúdo proposicional, havendo especificações do tempo verbal e do agente da ação.

As **condições preparatórias** de uma força ilocucionária determinam quais estados-de-coisas são pressupostos para que o desempenho de um ato tenha sucesso. Se pensarmos em uma promessa, observamos que a condição preparatória para a promessa feita é a de que o enunciador seja capaz de realizá-la.

As **condições de sinceridade** determinam os estados psicológicos (crença, pesar, desejo, intenção etc.) que devem ser expressos pelo falante num ato ilocucional. Num enunciado, o enunciador, ao aceitar a ação, expressa uma crença na verdade do conteúdo proposicional. Segundo Vanderveken (1985), um falante é considerado sincero quando seu estado psicológico corresponde àquele expresso.

Por fim, o **grau de intensidade das condições de sinceridade** dá conta dos estados psicológicos que podem ser expressos com mais ou menos intensidade, de acordo com as condições de sinceridade da força ilocucionária. Como exemplifica o autor, a súplica exerce grau de intensidade mais forte do que o pedido.

Considerando esses seis componentes, Vanderveken apresenta um conjunto que contém o que ele chama de forças ilocucionárias primitivas:

a) força ilocucionária assertiva primitiva: apresenta como única condição preparatória a de que o falante tem motivos para acreditar na verdade do conteúdo proposicional e como condição de sinceridade a de que crê nessa verdade. O modo indicativo geralmente é utilizado para expressar essa força ilocucionária: “Ele sabe sua tarefa”.

b) força ilocucionária comissiva primitiva: tem como condição de conteúdo proposicional que o conteúdo proposicional represente uma ação futura, tem como condição preparatória a condição de que o falante seja capaz de realizar essa ação e como condição de sinceridade a de que o falante pretenda realizar tal ação. Em português, a maneira de um falante se comprometer a fazer algo expressando a força ilocucionária comissiva é realizando um ato, por exemplo, de prometer algo: “Eu prometo melhorar as condições de trabalho”.

c) força ilocucionária diretiva primitiva: também apresenta como condição de conteúdo proposicional, a condição de que o conteúdo proposicional represente ação futura do ouvinte, como condição preparatória a de que o ouvinte seja capaz de realizar a ação e como condição de sinceridade a de que falante

quer ou deseja que ouvinte realize a ação. O modo imperativo expressa essa força ilocucionária: “Faça sua parte no combinado”.

d) força ilocucionária declarativa primitiva: tem como condição preparatória a reprodução, pelo falante, de um estado-de-coisas que é representado pelo conteúdo proposicional e uma única condição de sinceridade em que o falante crê e deseja produzir este estado-de-coisas.

e) força ilocucionária expressiva primitiva: o próprio ponto ilocucional expressa atitudes ou estados psicológicos do falante.

Para o autor, não existem outras forças ilocucionárias primitivas, pois todas as outras forças ilocucionárias são derivadas.

Vanderveken observa, então, que as condições de sucesso de um ato ilocucionário decorrem da conjunção dos componentes mencionados acima e de seu conteúdo proposicional. Para o autor, ao preencher as condições de sucesso e de satisfação, um ato pode ser classificado como satisfeito e executado sem defeitos.

Dessa forma, a força ilocucionária pode ser compreendida como um conjunto de parâmetros que transforma um dado conteúdo proposicional em um ato, definindo a forma de atuação de um locutor/falante sobre os alocutários/ouvintes ou sobre um aspecto da realidade.

Do exposto, entendemos que a força ilocucionária de atos assertivos se realiza, portanto, no ponto assertivo que remete a um estado-de-coisas preexistente à enunciação. Com relação ao modo de realização, o ato assertivo se caracteriza por uma afirmação que se apresenta em forma de relato, confirmação,

conselho, e as condições do conteúdo proposicional ocorrem conforme o modo de realização, podendo a forma linguística estar no pretérito ou no presente. Com relação às condições preparatórias e às condições de sinceridade, o ato assertivo se realiza quando o enunciador tem conhecimento sobre o que descreve e acredita na verdade do conteúdo proposicional enunciado e considera o ouvinte e a situação de interação, ou seja, a linguagem retratando a crença do falante.

Para Garbelini (2007, p. 17), “a asserção expressa, pois, um estado intencional de crença/convicção em um dado estado de coisas que pode ultrapassar a instância da representação objetiva da realidade para alcançar uma dimensão de realidades instituídas a partir de um estrato de crenças e valores.”

O efeito de verdade e de certeza que deriva do ato assertivo é bastante aproveitado em tipos específicos de discurso persuasivo. Conforme observa Mendes (1998, p. 277):

A atualização dos atos de fala em discursos específicos é determinada pelas restrições impostas pelos elementos do contrato de comunicação em que tais discursos se inscrevem, o qual delimita os tipos de atos passíveis de serem enunciados. Nesse sentido, determinados tipos de atos de fala avultam como condição de possibilidade para a constituição de certos tipos de discursos.

No discurso político, por exemplo, Mari (1998) demonstra que a presença dos atos assertivos constitui elemento da condição da existência do discurso eleitoral e que todo conteúdo descritivo relacionado aos objetos sociais (instituições, cidades etc.) e todos os estados-de-coisas (condições de vida, de

trabalho etc.) que aparecem nesse discurso eleitoral restringem-se a uma força assertiva.

Ferrari e Souza (2003), ao trabalharem debates em campanhas político-eleitorais ressaltam que os atos assertivos têm a ver com a relação entre emissão e contexto interacional e observam que tais construções ocorreram, principalmente, em contextos cuja realização de atos de fala assertivos serve para a defesa de um ponto de vista após uma crítica ou em contextos em que a realização de atos de fala assertivos funciona como contra-ataque após uma crítica.

Sant Anna (2009), que trabalha com crônicas de jornal e de livro, demonstra que há uma predominância de atos de fala assertivos nesse gênero textual. Segundo a autora, essa maior produtividade de atos de fala ilocucionários assertivos pode confirmar a presença de um alto teor narrativo na crônica que, por sua vez, tem o objetivo de dizer ao interlocutor como as coisas são e como elas acontecem no mundo.

Também no discurso jurídico os atos assertivos exercem uma função fundamental. Silva e Teixeira (2010), ao verificarem proferimentos realizados por um juiz numa sentença de pronúncia, evidenciam uma predominância de atos assertivos durante o relato da decisão judicial. Segundo as autoras, esse uso se dá por conta de uma intencionalidade do próprio enunciador, que reporta um estado-de-coisas preexistente e prepara o ouvinte para o que ainda será falado, e por conta de uma imposição legal a que o enunciador se submete. Ou seja, por meio

dos atos assertivos o falante apresenta fatos, discute provas, acata alguns argumentos e refuta outros para justificar sua decisão.

Como se vê, o ato de fala assertivo, como um enunciado de afirmação do enunciador, está presente em diferentes tipos de discurso persuasivo. No discurso da autoajuda, que aqui nos interessa especialmente, a assertividade também é característica, como bem apontam Brunelli (2004, 2005, 2008) e Nagamura (2011). Esses autores, ao trabalharem com modalidade, evidenciais e *ethos* no discurso da autoajuda, demonstram que os sujeitos enunciadorees desse discurso apresentam definições e explicações na forma de asserções afirmativas e que a manifestação da certeza é um traço semântico caracterizador desse discurso, como já apontado no capítulo anterior.

Ao caracterizarmos os componentes pragmáticos da interação mediada pelo discurso da autoajuda, no capítulo específico para a análise, buscaremos identificar quais são os componentes da força ilocucionária que caracterizam a assertividade do enunciador do discurso de autoajuda. Mas vamos também nos dedicar à análise semântica dos enunciados assertivos.

Retomando aqui a clássica separação entre o *modus* e o *dictum*, feita por São Tomás de Aquino e reavivada em diferentes momentos dos estudos linguísticos, situamos o *modus* no domínio pragmático, caracterizando-o como a atitude do sujeito em relação ao conteúdo do pensamento, ou seja, o modo como algo é falado. Nesse domínio, são consideradas as forças ilocucionárias expressas por diferentes modalidades de frases (assertiva, declarativa, interrogativa,

imperativa). O *dictum*, situado no domínio semântico, expressa o conteúdo proposicional do pensamento; é o fato possível, ou seja, aquilo que é falado.

Essa separação entre o *modus* e o *dictum* – entre a força ilocucionária e o conteúdo proposicional ou entre o componente pragmático e o semântico de um enunciado – tem se mostrado produtiva para o estudo de categorias qualificadoras que têm escopo sobre diferentes instâncias da enunciação, como a modalidade (SAINT PIERRE, 1991), a evidencialidade (HENGEVELD; DALL’AGLIO-HATTNER, 2008) e a polaridade (LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2006). Por essa razão, acreditamos que uma descrição global da assertividade, que deve dar conta da sua funcionalidade no discurso da autoajuda, também se beneficiará dessa distinção, assumindo o princípio funcionalista de que a semântica e a pragmática, ainda que constituam domínios individuados, são tratadas de maneira integrada na análise linguística.

Considerando a visão tradicional da filosofia da linguagem, segundo Bianchi (2004), a Semântica é o campo do estudo da linguagem que lida com os significados convencionais das palavras e das sentenças e a relação entre esses significados e entre as expressões linguísticas e suas denotações. A Pragmática, por sua vez, estuda como os falantes usam o contexto para compartilhar e transmitir informação que é complementar ao conteúdo semântico do que é dito, e como os ouvintes fazem inferências com base nessas informações transmitidas, ou seja, como os falantes usam expressões num contexto.

Nos últimos anos, estudiosos da área têm repensado a distinção entre semântica e pragmática e torna-se claro que muitas polêmicas na filosofia da

linguagem surgiram devido a diferentes maneiras de conceber a interface entre semântica e pragmática. Ao considerar a interface semântica/pragmática, Bianchi (2004) demonstra a existência de um contínuo em que, de um lado, está a perspectiva tradicional cujo objetivo é atribuir condições de verdade às sentenças ambíguas das línguas naturais, e, do outro lado, está a perspectiva pragmática mais radical que alega que a semântica pode dar somente interpretações incompletas; dessa forma, a fim de obter uma proposição completa é sempre necessário recorrer à pragmática. Vale ressaltar que, para a autora, a polêmica entre as duas perspectivas vai além de algo técnico. Esse debate envolve, por exemplo, o que é implícito e o que é explícito no que é dito, o conteúdo proposicional pelo qual somos responsáveis enquanto falantes, o comprometimento que expressamos com os interlocutores ao dizer algo.

Guimarães (2002), ao analisar as fronteiras entre a semântica e a pragmática, pensa os dois domínios num espaço disciplinar específico que se relacionam com questões da filosofia, da filosofia da linguagem, das ciências sociais e humanas e da linguística, assim como Bianchi (2004) o faz. Para Guimarães, lidar com a semântica e a pragmática é tratar de questões sobre a significação; adotando um percurso histórico, o autor observa que os estudos da significação, nos séculos XX e XXI, procuraram considerar na concepção de linguagem aspectos de sua exterioridade como o sujeito, a história e o mundo, e abordaram o sentido de acordo com suas posições teóricas

Num percurso de reflexão histórica, Guimarães aponta vias de considerações com relação à distinção entre semântica e pragmática e seus

limites. Há caminhos (Pierce, Carnap, Morris) que posicionam a sintaxe, a semântica e a pragmática em lugares separados e a pragmática sendo integrada à semântica. Outra possibilidade (Grice, Strawson, Searle) tem no semântico o sentido de uma expressão (sentido literal) e no pragmático uma implicatura (sentido derivado); nessa visão o pragmático também é acrescido ao semântico. Numa perspectiva que lida com a enunciação (Breál, Bally, Benveniste), a semântica é vista como integrada à pragmática, numa posição contrária as apresentadas acima.

Segundo Guimarães, “a relação entre Semântica e Pragmática pode efetivamente ser, como é, uma diferença de tomada de posição quanto ao que é a linguagem, o sentido, sua relação com as coisas etc., e não uma divisão de componentes que no conjunto darão conta de um mesmo objeto.” (2002, p. 43).

Nesse sentido, concebendo a linguagem como instrumento de interação, o Funcionalismo defende a ideia de que a semântica e a pragmática são instâncias que não podem ser estudadas de forma isolada, razão pela qual consideramos ser uma opção teórica adequada para o estudo da assertividade no discurso da autoajuda aqui pretendido.

Tendo em vista a intenção de expandir a análise da atitude pragmática do enunciador da autoajuda para nela incluir a análise do conteúdo semântico da proposição enunciada, ou seja, a intenção de fazer uma análise integrada do *modus* e do *dictum*, o próximo capítulo traz um apanhado do modelo teórico aqui adotado, a Gramática Discursivo-Funcional, no qual centraremos nossa atenção.

CAPÍTULO III

A GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL E A INTERAÇÃO VERBAL

A Gramática Discursivo-Funcional (GDF) foi concebida como um componente gramatical de uma teoria mais ampla de interação verbal. Assim como outras teorias funcionalistas, a GDF considera dois pontos fundamentais no estudo da linguagem: a concepção de língua como instrumento de interação social e os estudos dos fenômenos linguísticos baseados no uso real da língua.

Nesse sentido, a GDF dá continuidade ao modelo de Gramática Funcional (GF) proposto por Dik (1997), que considera não ser possível interpretar um discurso somente com base nas suas informações intrínsecas; é preciso considerar o conhecimento, as informações pragmáticas dos falantes envolvidos na interação. É esse papel que a interação pragmática ocupa na GDF que justifica nossa opção por esse modelo ao fazermos a análise da assertividade que caracteriza o enunciador da autoajuda.

A GDF apresenta a gramática numa organização descendente, com quatro níveis de análise hierarquicamente estruturados em camadas, como veremos mais adiante.

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), nesse modelo de gramática, a pragmática rege a semântica, a pragmática e a semântica regem a morfossintaxe e a pragmática, a semântica e a morfossintaxe regem juntas a fonologia. É a aceitação desse princípio que nos permite considerar que a análise da atitude pragmática do enunciador do discurso da autoajuda, expressa pela força ilocucionária, só será completa se enriquecida com a análise do conteúdo semântico das proposições por ele enunciadas.

3.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO MODELO

A GDF, teoria estrutural-funcional da linguagem tipologicamente baseada, parte da intenção do falante e chega até a articulação/realização da expressão linguística. Algumas propriedades básicas distinguem este modelo de outras teorias funcionalistas, a saber: i) a GDF apresenta uma organização descendente (*top-down*) para alcançar uma adequação psicológica¹; ii) a GDF adota o Ato Discursivo como unidade básica de análise, para alcançar adequação pragmática; iii) a GDF inclui as representações morfossintáticas e fonológicas como parte da estrutura subjacente; e iv) a GDF, considerada como o Componente Gramatical de uma teoria da interação verbal mais ampla, interage e se associa com outros componentes não gramaticais como o Componente

¹ O modelo da GDF é baseado em estudos do psicolinguista Levelt (1989, apud HENGEVELD e MACKENZIE, 2008) que demonstram que a produção da linguagem é um processo descendente que se inicia na intenção do falante e termina na articulação da expressão linguística.

Conceitual, o Componente Contextual e o Componente de Saída, como mostra a Figura 1 a seguir:

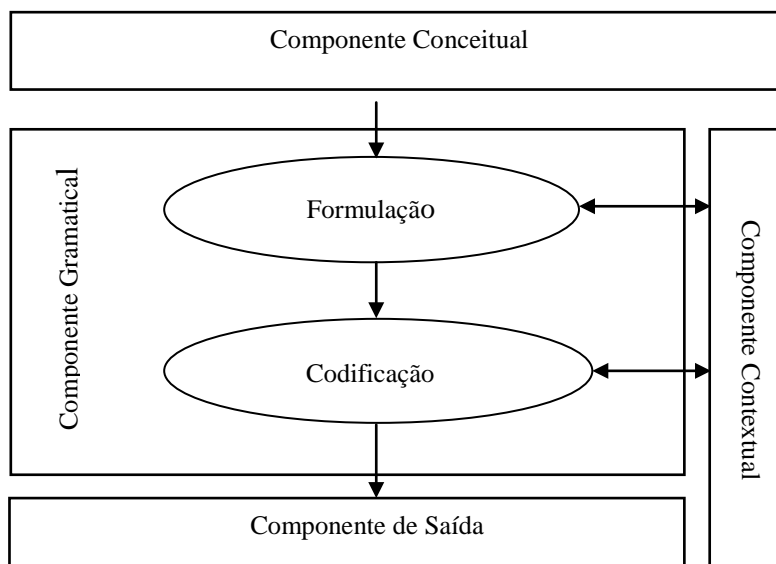


Figura 1: GDF como parte da teoria de interação verbal (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 6)

Observamos, na Figura 1 acima, que o Componente Gramatical estabelece a interação com os outros componentes por meio de duas operações, a saber, a Formulação e a Codificação. De acordo com Hengeveld e Mackenzie, (2008, p. 2), a Formulação preocupa-se com as regras que determinam o que constitui representações semânticas e pragmáticas subjacentes válidas numa língua e a Codificação se preocupa com as regras que convertem essas representações semânticas e pragmáticas em representações morfossintáticas e fonológicas. No entanto, a GDF admite que tanto a operação de Formulação como a de Codificação depende de cada língua, ou seja, a categoria pragmática, semântica, morfossintática ou fonologia universal só será postulada se essa universalidade for demonstrada empiricamente.

O Componente Conceitual é responsável pelo desenvolvimento da intenção comunicativa relevante em cada evento de fala e também pelas conceitualizações associadas a eventos extralinguísticos relevantes. Para os autores (ibidem, p. 7), esse componente não inclui cada aspecto de cognição que é potencialmente relevante para a análise linguística, mas somente aqueles que afetam a intenção comunicativa imediata. O Componente Conceitual é considerado, assim, como a força motriz por trás do Componente Gramatical, ou seja, é o componente que dá o impulso para que a gramática comece a funcionar. A relação entre Componente Conceitual e Gramatical é estabelecida, então, pela operação de Formulação que pode ser interpretada como a que converte, traduz uma representação conceitual em representação semântica e pragmática linguisticamente relevante disponível em dada língua.

Para Hengeveld e Mackenzie (2012), o Componente Contextual contém a descrição do conteúdo e da forma do discurso precedente e também do contexto real perceptível em que ocorre o evento de fala e das relações sociais existentes entre os participantes. Dessa forma, o Componente Contextual e o Componente Gramatical se relacionam por meio de muitos processos gramaticais como encadeamento narrativo, progressão textual, cadeias anafóricas etc. cujos antecedentes no Componente Contextual são retomados no Componente Gramatical.

O Componente de Saída, por sua vez, é externo ao Componente Gramatical, mas depende das informações oferecidas por este uma vez que

converte essas representações morfossintáticas em expressões linguísticas de diferente natureza – acústica, gestual, ortográfica.

Observamos, na Figura 1, que a posição descendente das flechas indica a orientação *top down* do modelo da GDF e, segundo os autores, essa organização descendente “é motivada pela hipótese de que um modelo de gramática será mais efetivo quanto mais sua organização se assemelhar ao processamento linguístico no indivíduo”² (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 1). Em outras palavras, a GDF parte da intenção do falante e chega até a expressão linguística, como já mencionado anteriormente.

Dessa forma, segundo os autores, a GDF pode ser definida como uma teoria que “procura entender como as unidades linguísticas são estruturadas em termos de mundo que elas descrevem e das intenções comunicativas com as quais são produzidas e molda isso numa implementação dinâmica.”³ (ibidem, p. 2). A GDF, então, deve ser entendida não como um modelo do falante, mas sim como uma gramática da estrutura linguística que tenta refletir evidência psicolinguística na sua estrutura básica, ou seja, refletir características descendentes no processo de produção linguística.

² ...is motivated by the assumption that a model of grammar will be more effective the more its organization resembles language processing in the individual.

³ FDG aims to understand how linguistic units are structured in terms of the world they describe and the communicative intentions with which they are produced, and models in a dynamic implementation.

3.2 O LUGAR DA PRAGMÁTICA E DA SEMÂNTICA NA ARQUITETURA DA GDF

A estrutura da GDF é dividida em níveis e camadas. Cada nível é estruturado com suas próprias camadas de forma hierárquica. Cada camada é restringida por um núcleo (*head*) e pode ainda ser restringida por um modificador (σ), ambos elementos lexicais. As camadas ainda podem ser especificadas por um operador (π) e ter uma função (ϕ); ambos representados por elementos gramaticais.

A arquitetura geral da GDF é representada na Figura 2 a seguir.

Seguindo o modelo descendente, a intenção comunicativa desenvolvida no Componente Conceitual é convertida em representações pragmáticas e semânticas nos Níveis Interpessoal e Representacional, respectivamente, pela operação de Formulação. As configurações no Nível Interpessoal e Representacional são traduzidas em estruturas morfossintáticas no Nível Morfossintático pela operação de Codificação Morfossintática. Da mesma forma, as estruturas dos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático são convertidas em estrutura fonológica pela operação de Codificação Fonológica. O Nível Fonológico é considerado o *input* para a operação final de Articulação para a realização da expressão linguística. A Articulação ocorre no Componente de Saída, fora da gramática.

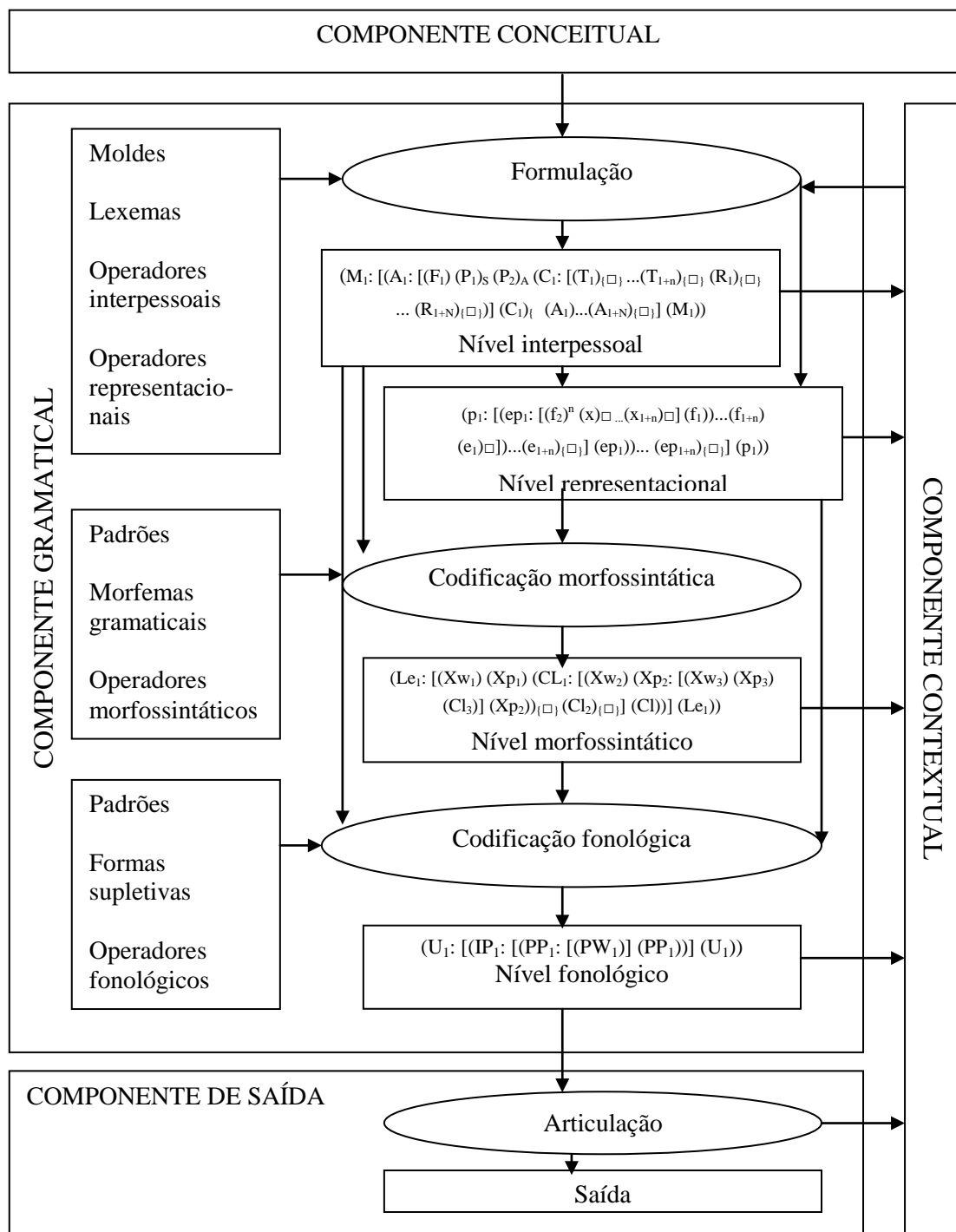


Figura 2. Plano geral da GDF (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 13)

No esquema geral visto acima (Figura 2), notamos a existência de quatro níveis de análise, a saber: Interpessoal (NI), Representacional (NR), Morfossintático (NM) e Fonológico (NF). Esses níveis são puramente

linguísticos e captam a língua em termos de suas funções. Assim, cada expressão linguística é analisada de acordo com as distinções relevantes para o nível em que estiver inserida.

Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, daremos ênfase à caracterização dos Níveis Interpessoal e Representacional, pois são nesses níveis que identificamos a assertividade dos enunciados (no domínio pragmático) e os modificadores relativizadores (no domínio semântico), elementos fundamentais para a nossa análise.

3.2.1 NÍVEL INTERPESSOAL

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), no Nível Interpessoal, são analisados os aspectos formais da unidade linguística que estejam ligados à relação de interação entre Falante e Ouvinte, tendo em vista, principalmente, que uma determinada expressão está associada a uma dada intenção comunicativa. Devem ser descritas todas as propriedades pragmáticas de uma expressão linguística, ou seja, é neste nível que são representados todos os aspectos relativos ao conteúdo comunicado pelo falante. Vale lembrar que tanto no Nível Interpessoal como em qualquer outro Nível, somente as distinções gramaticalmente relevantes são descritas.

Na hierarquia das camadas, o Movimento é a maior unidade de interação pertinente para a análise gramatical. O Movimento é identificado, em

termos de seu estatuto interpessoal, como uma contribuição autônoma para uma interação contínua, ou seja, ele impulsiona a comunicação verbal. O que o caracteriza é que, em princípio, ele pede uma reação ou é ele próprio uma reação.

O Movimento é constituído de um ou mais Atos Discursivos, tidos como a unidade básica de análise. De acordo com Kroon (1995, p. 65 apud HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 60), o Ato é “a menor unidade identificável do comportamento comunicativo. Em contraste com as unidades mais altas denominadas Movimento, os Atos não necessariamente impulsionam a comunicação em termos de objetivos conversacionais”⁴. Quando o núcleo do Movimento consistir de vários atos, a relação entre esses atos pode ser de equipolência ou de dependência. A Equipolência indica que o falante atribui o mesmo estatuto comunicativo aos dois atos discursivos. Já a relação de Dependência indica que o falante atribui diferente estatuto comunicativo para cada ato. A dependência é mostrada na representação subjacente por meio da presença de uma função retórica⁵.

Cada Ato pode conter uma Ilocução, que capta as propriedades formais e lexicais do Ato Discursivo, e pode ser atribuída ao seu uso interpessoal convencionalizado para alcançar uma intenção comunicativa. As intenções comunicativas incluem aqueles tipos de Atos Discursivos como: chamar a atenção, afirmar, dar ordem, questionar, alertar, requerer etc., que podem determinar Ilocuções do tipo: declarativa, interrogativa, imperativa, proibitiva

⁴ the smallest identifiable units of communicative behavior. In contrast to the higher-order units called Moves they do not necessarily further the communication in terms of approaching a conventional goal.

⁵ As funções retóricas podem ser de Motivação, Concessão, Orientação e Correção.

etc. Por exemplo, na Ilocução Declarativa (DECL), o falante informa o ouvinte sobre o Conteúdo Proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado; na Interrogativa (INTER), o falante pede a resposta do ouvinte para o Conteúdo Proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado; na Imperativa (IMPER), o falante direciona o ouvinte a executar a ação evocada pelo Conteúdo Comunicado; na Ilocução Proibitiva (PROI), o falante proíbe o ouvinte de executar a ação evocada pelo Conteúdo Comunicado; na Optativa (OPT), o falante indica ao ouvinte que ele deseja que a situação positiva evocada pelo Conteúdo Comunicado possa acontecer etc. Verificamos, dessa maneira, que a Ilocução estabelece a relação entre os Participantes ((P₁) e (P₂) que se alternam como Falante e Ouvinte) e o Conteúdo Comunicado, que contém a totalidade do que o Falante deseja evocar na sua comunicação com o Ouvinte.

O falante evoca um Conteúdo Comunicado para veicular um número de Subatos; assim, cada Conteúdo Comunicado consiste de um ou mais Subatos que podem ser de Atribuição e de Referência, considerados como ações pragmáticas, quer dizer, que provocam mudança na informação pragmática do ouvinte. Os Subatos são de Atribuição (T), se o falante predica/atribui uma propriedade (é a tentativa de o falante descrever uma categoria semântica) ou de Referência (R), se o falante evoca uma entidade, um referente, que será de uma categoria semântica particular.

A consideração de que a interpretação de um discurso não pode ser reduzida somente a uma interpretação da materialidade, mas que é preciso incluir o contexto de interação e seus participantes, pode ser plenamente atendida na

análise das unidades identificadas no Nível Interpessoal. É o que podemos observar em alguns exemplos de como a GDF analisa a interação verbal.

Em (1), abaixo, temos um Movimento, considerado a maior unidade de interação, como um exemplo de interação contínua entre participantes, pois ele impulsiona a comunicação verbal na medida em que representa lances, movimentos que os falantes têm no discurso. O Movimento de iniciação de A, em forma de pergunta, provoca um Movimento de reação de B, em forma de resposta, que contem dois Atos Discursivos em relação de equipolência, ou seja, cada ato apresenta seu contorno intonacional e os dois mantêm o mesmo estatuto comunicativo.

- | | |
|---|------------------|
| (1) A: O que você acha de viajarmos nas férias? | (M1 – iniciação) |
| B: Perfeito. Pode ser praia ou campo. | (M2 – reação) |

Em (2), abaixo, observamos que o Conteúdo Comunicado é constituído por meio do complemento de um verbo reportativo. A avaliação feita é orientada para o conteúdo e o falante, que reporta a informação como ela foi divulgada, sem inferi-la, apresenta a totalidade do que quer evocar na comunicação com seu interlocutor:

- (2) Os moradores disseram **que suas casas desabaram com a chuva forte.**

No Português, é possível atenuar Ilocuções imperativas, declarativas, proibitivas etc., por meio de sufixos e da entonação, que podem aparecer

combinados, como nas ocorrências (3) e (4) abaixo, em que Ilocuções Imperativa e Proibitiva têm sua força ilocucionária atenuada por esses elementos:

(3) Coma **tudinho!** (Ilocução IMP atenuada pelo sufixo)

(4) Não compre mais vinho, **por favor!** (Ilocução PROIB atenuada pela expressão por favor)

Os exemplos nos mostram a eficácia do modelo, que identifica, no Nível Interpessoal, as unidades necessárias para a análise da interação verbal entre os participantes. Essa análise deverá ser enriquecida pela consideração das unidades do Nível Representacional, necessárias para o entendimento do conteúdo semântico veiculado nessa interação.

3.2.2 NÍVEL REPRESENTACIONAL

O Nível Representacional lida com os aspectos semânticos da unidade linguística. Na GDF, o termo semântica se restringe: (i) ao modo em que uma língua se relaciona ao mundo real ou imaginário que ela descreve e (ii) ao significado de estruturas lexicais isoladas do modo como são usadas na comunicação. Assim, no Nível Representacional, as estruturas linguísticas são descritas em termos da denotação que fazem de uma entidade e, portanto, a diferença entre as unidades desse nível é feita em termos da categoria denotada.

Enquanto o Nível Interpessoal trata de evocar, o Nível Representacional trata de designar.

Em relação às camadas presentes neste nível, temos o Conteúdo Proposicional (a camada hierarquicamente mais alta), que corresponde a construções mentais como crenças, desejos e expectativas. Os Conteúdos Proposicionais podem ser factuais (quando são parte do conhecimento ou opinião moderada sobre o mundo real), ou não-factuais (quando são esperanças ou desejos com relação a um mundo imaginário). Dada a sua natureza, os Conteúdos Proposicionais são caracterizados pelo fato de que podem ser qualificados em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença), e/ou em termos de sua origem ou fonte (conhecimento partilhado, evidência sensorial, inferência).

Como salientam os autores, os Conteúdos Proposicionais se diferenciam dos Conteúdos Comunicados, que pertencem ao Nível Interpessoal, exatamente por poderem ser atribuídos a outra 'pessoa' que não apenas ao falante, ao passo que os conteúdos comunicados são sempre atribuídos ao falante.

Os Episódios são tidos como um ou mais Estados-de-coisas que são tematicamente coerentes, no sentido de que eles apresentam unidade ou continuidade de Tempo (t), Localização (l), e Indivíduos (x). O Episódio é caracterizado por estar localizado em um tempo absoluto.

Já o Estado-de-coisas é definido pelos autores como sendo entidades que podem ser localizadas em um tempo relativo e podem ser avaliadas em termos de seu estatuto de realidade. Estados-de-coisas podem, assim, (não) ocorrer, (não) acontecer, ou (não) ser o caso em algum ponto ou intervalo no

tempo. São determináveis pela característica temporal de Indivíduos por um lado e de Conteúdos Proposicionais por outro.

De acordo com o princípio da organização hierárquica das unidades linguísticas, as Propriedades, que são unidades hierarquicamente menores do Nível Representacional, estão presentes nas representações semânticas de todas as unidades nesse nível. Hengeveld e Mackenzie (2008) estabelecem dois tipos de Propriedades: o Conceito Situacional⁶ e as Propriedades Lexicais. O primeiro desempenha um papel crucial nas construções das representações semânticas e constitui o inventário dos moldes de predicação relevantes para uma língua. Já as Propriedades Lexicais são uma categoria semântica que não têm existência independente e só podem ser avaliadas em termos de sua aplicabilidade a outros tipos de entidade, podendo ocupar a posição de núcleo ou de modificador.

A combinação de Propriedades pode ser usada na caracterização de Indivíduos (x), considerados como unidades definidas como as que ocupam um lugar no espaço, tal que dois Indivíduos não podem ocupar o mesmo espaço.

Outras categorias semânticas podem ser relevantes para uma dada língua e podem entrar na composição de um Conceito Situacional como, por exemplo, a Localização (l), Tempo (t), Modo (m), Quantidade (q) e razão (r).

Segundo os autores, pode-se assumir que o conceito de Indivíduo (x) como, por exemplo, cama, parede ou Airton Senna, difere do conceito de Localização (l) como, ambiente, sul ou Rio de Janeiro, Salvador. Mas, para eles, um mesmo fenômeno na realidade externa pode ser construído mentalmente ora

⁶ O termo Conceito Situacional foi adotado em substituição ao termo antes usado, Propriedade Configuracional.

como Indivíduo ora como Localização, dependendo dos objetivos de quem forma o conceito. Por exemplo, o conceito de ‘casa’ para um pretendo comprador, pode ser uma localização (local para viver); para um corretor de imóveis, pode ser um Indivíduo (uma mercadoria a ser vendida).

A categoria Tempo (t) demonstra que as línguas têm expressões especializadas para designar categorias temporais. Algumas estão ligadas a sua interpretação contextual no momento de fala (amanhã, próximo mês), outras estabelecem posições relativas na linha do tempo (antes de ontem, durante), enquanto outras se relacionam com o calendário estabelecido socialmente (segunda-feira, Páscoa). Algumas expressões temporais identificam um ponto na linha do tempo (momento, 20hs), outras se estendem num período na linha do tempo (período, julho).

A categoria Modo (m), ao lado de Localização (l) e Tempo (t), é outra notação frequentemente designada pelas formas linguísticas, nas quais o Estado-de-coisas é executado. Em outras palavras, as línguas nos permitem falar sobre não apenas ‘onde’ e ‘quando’, mas também ‘como’.

A categoria semântica Quantidade (q) é designada tanto para quantidades de fenômenos incontáveis quanto para os números de fenômenos contáveis.

E, por fim, para algumas línguas, há evidência de que exista a categoria semântica Razão (r) ou para que exista uma palavra interrogativa de Razão, como ‘*why*’ no Inglês.

A GDF tem o “desejo de dar à semântica seu lugar legítimo na teoria linguística”, ou seja, “entre outros aspectos, (...) dar peso igual a fatores semânticos e pragmáticos” (HENGEVELD e MACKENZIE, 2012, p. 7). Considerar as camadas do Nível Representacional é relevante para a análise dos conteúdos semânticos dos enunciados que interagem, por sua vez, com o domínio pragmático na interação verbal. Vejamos alguns exemplos de como a interação está representada no NR.

Na ocorrência abaixo, temos um conteúdo proposicional caracterizado por uma atitude proposicional expressando, dessa forma, uma atitude subjetiva do falante. Diferentemente do Conteúdo Comunicado (NI), o Conteúdo proposicional pode ser atribuído não somente ao falante, mas também à figura de uma outra pessoa. Em (5), o complemento do verbo inferencial acreditar corresponde a um Conteúdo Proposicional que é atribuído ao Indivíduo ‘moradores’.

- (5) Os moradores acreditavam que suas casas não seriam atingidas pela chuva.

O Estado-de-coisas pode ser avaliado em termos de sua realidade e com relação a várias propriedades de sua ocorrência como tempo relativo de ocorrência, lugar da ocorrência, frequência da ocorrência, estatuto de realidade, cenário físico e cenário cognitivo. Em (6), o enunciado como um todo é descrito como um evento percebido e frequente.

- (6) Vizinhos viam com frequência o garoto fugir da ação da Polícia Militar contra o craque.

Essa visão panorâmica do modelo, ainda que bastante superficial, já dá mostras do tipo de análise que a GDF permite, viabilizando não só a identificação de unidades em cada nível em separado como também, e principalmente, a interação entre os diferentes níveis. Tendo em vista a hipótese principal deste trabalho, destacaremos, no próximo item, os modificadores que atuam no Nível Interpessoal e no Nível Representacional, buscando identificar as estratégias linguísticas que podem atuar na relativização do conteúdo semântico enunciado. Além disso, a organização descendente e hierárquica do modelo pode nos ajudar a verificar a forma do modificador em cada camada e investigar se a inserção do modificador em diferentes camadas se relaciona com diferentes graus de subjetividade. Passemos, então, a uma apresentação dos modificadores identificados nas diferentes camadas do Nível Interpessoal e Representacional.

3.3 OS MODIFICADORES DOS NÍVEIS INTERPESSOAL E REPRESENTACIONAL

A função de modificador é atribuída a uma variedade de elementos que exercem uma função designativa. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), cada unidade linguística consiste de uma parte obrigatória, que é o núcleo, e outra opcional, que é o modificador.

Os modificadores podem atuar em todas as camadas do Nível Interpessoal e do Nível Representacional: cada camada desses níveis pode ser modificada por uma categoria de modificadores, representados por Σ no Nível Interpessoal e por σ no Nível Representacional.

Em geral, no Nível Interpessoal, os modificadores (R) expressam a ação do falante com respeito ao referente, enquanto no Nível Representacional, nas camadas mais altas, os modificadores (x) especificam as propriedades das entidades denotadas como um todo e, nas camadas mais baixas, os modificadores (f) especificam subpropriedades da propriedade expressa pelo núcleo nominal.

Desse modo, podem ser identificados três tipos de modificadores: os de **Atitude Subjetiva** Σ^R (NI); os de **Modificação de Entidade** σ^x (NR); e os de **Modificação de Propriedade** σ^f (NR).⁷

Cada modificador deve ser observado segundo sua **forma**, **camada** em que atua, **função semântica**, **função pragmática**, **posição** que ocupa na sentença, **escopo** e sua **complexidade estrutural**. Afinal, os modificadores restringem o sentido (o valor) daquilo que ele escopa, independentemente do tipo de camada. Abaixo apresentaremos, conforme a GDF, os modificadores presentes nas camadas do NI e do NR.

Os modificadores no Nível Interpessoal servem para controlar a interação entre os participantes. Em relação ao Movimento, ele pode ser modificado lexicalmente por elementos do léxico que especificam o papel do

⁷ Esse três tipos de modificadores podem ser associados, respectivamente, à definição dos tipos de modificadores já apontados em DIK (et al. 1990) como satélites de proposição, satélites de predicação e satélites de predicado.

Movimento no andamento do discurso e servem como, por exemplo, um resumidor:

(7) **Pra encurtar a história**, eu ainda estou considerando isso, mas eu duvido muito que chegarei lá.⁸

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), o Movimento acima possui dois Atos Discursivos em relação de dependência e o modificador (**pra encurtar a história**) tem escopo sobre ambos.

Os Atos Discursivos também podem ser modificados por um elemento lexical que toma a forma de um restritor (Σ). Os Modificadores de Atos Discursivos permitem ao Falante comentar sobre o Ato Discursivo, podendo indicar, como afirmam os autores: i) propriedades estilísticas do Ato Discursivo (brevemente, em resumo), ii) seu *status* dentro do Movimento (além disso) e iii) ênfase (expressando raiva e/ou irritação). Em (8), o modificador de ato expressa propriedade estilística, por exemplo, e em (9), o modificador lexical de ato expressa ênfase:

(8) **Em resumo**, farei todas as atividades até o final do evento.

(9) Eu quero ir pra casa, **saco!**

As Ilocuções podem ser modificadas por material lexical que tenha conexão com o predicado ilocucionário, seja ele lexical ou abstrato. Os

⁸ Todos os exemplos dessa seção foram adaptados e traduzidos de Hengeveld e Mackenzie (2008).

Modificadores são restritivos (ou seja, restringem o sentido daquilo que eles escopam independentemente da camada) e, por isso, serão representados como restritores no predicado ilocucionário.

(10) Eu te prometo **sinceramente** que isso não é uma pegadinha.

O advérbio **sinceramente**, usado na ocorrência acima, é uma modificação lexical, não do Ato Discursivo como um todo, mas da Ilocução Declarativa. Ou seja, é uma promessa sincera que está sendo feita e o sentido do elemento escopado (prometo) se torna mais restrito por conta do modificador. Segundo os autores, tem-se abaixo a mesma análise, mas agora com um predicado abstrato:

(11) **Sinceramente**, isso não é uma pegadinha.

Na camada dos Participantes, um modificador é possível se houver uma especificação restritiva do núcleo. O Falante indicará, assim, uma faceta dele ou do Ouvinte que é relevante para a Ilocução, ou selecionará um Interlocutor particular. Na expressão abaixo, o falante faz uso de um modificador (**Paulo**) que especifica de forma restritiva o núcleo, selecionando um interlocutor particular (Paulo).

(12) Eu, **Paulo**.

O Conteúdo Comunicado também pode, como as outras unidades, ser modificado por material lexical. Modificadores potenciais nessa camada incluem os do tipo enfático, que acontecem no Nível Interpessoal, e se aplicam a todos os tipos de unidades de ação. Na camada do Conteúdo Comunicado, isso significa que o conteúdo inteiro de um enunciado é enfatizado, como no exemplo que segue em que o advérbio **realmente** insiste sobre o conteúdo e expressa a totalidade do que o falante quer dizer:

(13) Eu **realmente** não gosto de você.

Esses modificadores não expressam irritação nem raiva, mas intensificam o conteúdo do próprio Ato Discursivo. Por isso, são diferentes dos modificadores enfáticos do Ato Discursivo. Além disso, eles têm distribuição mais limitada, pois são incompatíveis com certas Ilocuções. Outra diferença é que sua forma de expressão pode não ser periférica, mas interna. E, por último, eles podem se combinar com Modificadores de Atos Discursivos, como segue:

(14) Eu **realmente** não gosto de você, **saco!**

Outros modificadores de Conteúdo Comunicado expressam a atitude subjetiva do Falante em relação ao Conteúdo Comunicado. Exemplos disso são *(un) fortunately* – *(in) felizmente* - e *luckily* – “com sorte”. Esse tipo de

avaliação, orientada pelo conteúdo, é ligada ao Falante e, portanto, pertence ao Nível Interpessoal.

No Subato de Atribuição, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), pode-se afirmar que os Modificadores relevantes na camada do Conteúdo Comunicado são também relevantes na camada do Subato de Atribuição. Eles indicam um comprometimento enfático por parte do falante. Vejamos os exemplos:

(15) Uma publicação **felizmente** fina.

(16) um exemplo **realmente** legal

No exemplo (16) **realmente** (*really*) indica um comprometimento enfático por parte do Falante e, por isso, difere de advérbios regulares de grau, como o muito (*very*).

A modificação dentro do Subato Referencial é limitada à expressão da atitude subjetiva do Falante concernente a entidade designada no Subato Referencial. Vejamos os exemplos:

(17) Ninguém está prestando atenção no **pobre** colega.

(18) Eu sinto muito pelo **velho** Bill.

Nos exemplos, o falante evoca um referente (**pobre** e **velho**) que pertence a uma categoria semântica particular. Observamos que em (17) o assunto não é a pobreza nem em (18) a idade de Bill. Esses modificadores (pobre e velho) indicam uma avaliação subjetiva do Falante com respeito ao referente que está sendo evocado (colega e Bill).

No Nível Representacional, os modificadores atuam como qualificadores do conteúdo semântico dos enunciados. Observamos que no Conteúdo Proposicional os modificadores se relacionam com a especificação de atitudes proposicionais. Essas atitudes podem se relacionar ao tipo e ao grau de comprometimento de um ser racional ao Conteúdo Proposicional, ou à especificação de uma fonte (não verbal) do Conteúdo Proposicional. Modificadores como esses podem ser representados como expressões designativas de Propriedades modificadoras do Conteúdo Proposicional como pode ser visto abaixo:

(19) **Provavelmente** Sheila está doente.

Em (19), o advérbio **provavelmente** designa uma propriedade modificadora que expressa uma avaliação do conteúdo proposicional do falante.

No Episódio, pode-se identificar como exemplo de modificador os modificadores temporais, que localizam o Episódio como um todo no tempo. Nesta camada, os modificadores expressam um tempo absoluto.

Estados-de-coisas podem ser mais qualificados considerando-se as propriedades de sua ocorrência. A maior modificação refere-se ao tempo relativo de ocorrência, lugar da ocorrência, frequência da ocorrência, estatuto de realidade, cenário físico e cenário cognitivo.

Na camada do Estado-de-coisas, observamos que a “modificação temporal de Estados-de-coisas” é diferente da “modificação temporal de Episódios” na medida em que locação absoluta no tempo é uma propriedade do Episódio, (no ano passado, na semana passada, ontem, no passado), enquanto locação relativa no tempo é uma propriedade dos Estados-de-coisas (no dia seguinte, antes do almoço), o que explica a razão pela qual os dois podem ser combinados, como podemos observar abaixo no exemplo:

(20) **Ontem** Sheila saiu **antes do jantar**.
(ontem=tempo absoluto/antes do jantar=relativo)

Uma evidência de que **antes do jantar** é um modificador que atua na camada do Estado-de-coisas é o fato de ele poder ocorrer dentro do escopo de expressões que marcam tempo absoluto, como **ontem**.

Em relação ao Conceito Situacional, um exemplo de modificador a ser observado é o da função “Beneficiário” que nomeia uma pessoa ou instituição em nome de quem o benefício do Estado-de-coisas é efetuado. O Beneficiário é assumido como um modificador nessa camada por representar um participante do Estado-de-coisas para o qual a gramática não oferece espaço (*slot*) como argumento.

(21) Você pode entregar essas flores para Mary **por mim**?

As funções **Comitativa** e **Instrumento**, respectivamente, também funcionam como modificadores nessa camada:

(22) João foi a Paris **com Maria**.

Os modificadores do Conceito Situacional podem, também, designar certos tipos de Modo. Os advérbios de Modo se mostram relevantes em várias camadas, mas com diferenças em seu comportamento.

(23) João andou **devagar**.

Observamos na ocorrência acima (23) que a expressão de Modo modifica somente o predicado andar: era a caminhada que estava lenta, mas isso, por si só não faz de João uma pessoa lenta. Já a interpretação ocasionada pela ocorrência abaixo é diferente:

(24) João **estupidamente** respondeu a questão.

A resposta de João pode ter sido muito inteligente, mas foi estúpido da parte dele tê-la respondido da forma como respondeu. Aqui o Estado-de-coisas é que é caracterizado como estúpido, como é refletido no fato de que a expressão

de modo ocupa a posição de modificador de (e). O que também é diferente da próxima ocorrência:

(25) João **nervosamente** deixou a sala.

Esse exemplo mostra que a expressão de Modo não modifica simplesmente “deixou”; além disso, é entendida como um Conceito Situacional, que é o núcleo do Estado-de-coisas, que tinha a Propriedade de estar “nervoso”.

Outra categoria de modificador na camada do Conceito Situacional é a que quantifica a constituição temporal interna de um Estado-de-coisas. O elemento mais proeminente dessa categoria é a Duração, definindo a extensão temporal interna de um Estado-de-coisas singular, como pode ser observado com o uso do modificador **por cinco anos** que expressa uma extensão de tempo:

(26) Ela morou aqui **por cinco anos**.

Os modificadores de Propriedades Lexicais podem designar outras categorias semânticas. Isso é relevante para a classe de modificadores que geralmente combina com verbos de movimento. Esses modificadores também indicam orientação direcional e podem coocorrer com os argumentos direcionais, que designam Locações, como podemos observar abaixo em que um verbo de movimento (**descer**) está ligado a um modificador que indica orientação de direção (**para a estação**):

(27) Ele desceu **para a estação**.

Na camada de Indivíduo, todos os tipos de unidades designativas de Indivíduo podem, em princípio, ser qualificadas por modificadores, exceto aquelas com núcleo ausente. Nessa camada, pode-se distinguir entre modificadores lexicais e complexos.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), em línguas com adjetivos, muitos deles são encontrados como núcleo de modificadores lexicais em unidades designativas de Indivíduos, uma vez que essa é a posição que define o adjetivo. O posicionamento relativo dos modificadores é governado por princípios semânticos, o que justifica sua análise no Nível Representacional. Como uma regra, pode-se dizer que as qualificações mais objetivas, como *gold* e *Swiss* em (28) abaixo, tendem a aparecer mais próximas do núcleo do que as subjetivas, como *beautiful* e *old*:

(28) *a beautiful old Swiss gold watch*.
(um lindo relógio antigo suíço de ouro)

Em relação à Localização, há dois tipos de modificadores: σ^f e σ^l . Os Modificadores do tipo σ^f são modificadores de Propriedades e podem ser:

- Modificador de item lexical que afeta somente aquele item e por isso é usado apenas atributivamente:

(29) **principal** rodovia

- Modificador de Locação configuracional:

(30) o cume **mais alto** da árvore

- Modificador de lexema adposicional:

(31) O museu fica **mesmo** em frente à estação.

Já os Modificadores do tipo σ^1 tomam toda a unidade sob seu escopo, e podem ser:

- Modificador simples, nominal:

(32) um workshop **dilapidado**

- Modificador configuracional, nominal:

(33) o lado da casa **não pintado**

- Modificador simples, adposicional:

(34) **perigosamente** próximo

- Modificador configuracional, adposicional:

(35) **perigosamente** próximo para os expectadores

Tanto para Localização como para Tempo, devemos fazer uma distinção entre modificadores do lexema de designação de Tempo e modificadores da expressão Temporal inteira. Enquanto um serve para estreitar o significado do item lexical **momento** (36), o outro qualifica o núcleo inteiro da Expressão Temporal **esses momentos** (37), respectivamente:

(36) o **exato** momento.

(37) esses momentos **entusiasmantes**.

O nome “tempo” assim como outros que se referem ao *cronos* (momento, minuto, hora, dia, mês, ano), pode ser modificado por uma oração relativa. Na ocorrência abaixo, o nome **hora** está sendo modificado pela oração relativa **em que ele chegou**:

(38) A hora **em que ele chegou** era bem tarde.

Tanto para Localização quanto para Tempo devemos também fazer uma distinção entre modificadores de lexema que designam Modo (ou modificadores de lexemas designadores de Modo) e modificadores da expressão de Modo inteira. Existem dois tipos: σ^f e σ^m :

- Modificadores do tipo σ^f são advérbios que intensificam o grau ao qual o Modo se aplica.

(39) **muito** proximamente

- Modificadores do tipo σ^m que são adjetivos que qualificam um Modo.

(40) o **novo** método

A natureza proposicional das Razões as torna susceptíveis de serem modificadas por elementos que expressam uma atitude proposicional. Isso é

verdadeiro para orações de “Razão”, nas quais o modificador toma forma adverbial e para sintagmas nominais de “Razão”, nos quais o modificador toma forma de adjetivo, respectivamente:

(41) Ele foi embora porque **aparentemente** a mãe dele está doente.

(42) **A aparente** razão pela sua saída é que a mãe dele está doente.

Conforme vimos, na GDF os modificadores podem atuar tanto do Nível Interpessoal quanto do Nível Representacional e cada unidade desses níveis pode ser modificada por um tipo de modificador. Entre esses modificadores, interessam-nos especialmente aqueles que, operando no Nível Representacional, restringem o valor semântico da unidade que está sendo escopada. Por essa razão, chamaremos esses modificadores de relativizadores, independentemente da camada que se inserem. Considerando a estrutura em camadas da GDF, investigaremos a hipótese de que a relativização situada no Nível Representacional não afeta a assertividade do enunciador, que é assegurada no Nível Interpessoal. As implicações dessa relação entre assertividade e relativização serão analisadas no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

UNIVERSO DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

4.1 CONSTITUIÇÃO DO CÓRPUS

O universo de investigação desta pesquisa está composto por duas obras escritas originalmente em língua portuguesa para, assim, evitar possíveis questionamentos sobre a influência de traduções no texto analisado, o que se afastaria do âmbito dos objetivos aqui propostos. As obras selecionadas - *Abaixo a mulher capacho* (ABRÃO, 2009) e *O sucesso não ocorre por acaso: é simples mas não é fácil* (RIBEIRO, 1992) - são publicações de ampla divulgação nacional e consideradas como autoajuda para mulheres e autoajuda para o sucesso profissional e financeiro, respectivamente.

Selecionamos os referidos livros por apresentarem traços característicos dos textos de autoajuda como, por exemplo, um enunciador confiante e seguro, que apresenta suas teses com clareza e objetividade, manifestando certeza e confiança, num tom otimista. E também porque os enunciadores (ABRÃO, 2009 e RIBEIRO, 1992) se apresentam como sujeitos

orientadores, utilizando um conjunto de enunciados que orientam, guiam e ajudam seus interlocutores a encontrar soluções para problemas sentimentais e profissionais. A esse respeito, vale destacarmos que Brunelli e Dall’Aglio Hattner (2009, p. 181) caracterizam o sujeito enunciativo do discurso de autoajuda justamente como aquele que assume um lugar de saber, ou seja, como alguém que se coloca num lugar de enunciação que implica ter um conhecimento especial ou específico para ser transmitido.

Para confirmar essa afirmação, observamos que, logo no Prefácio das obras, ambos os autores são apresentados como conhecedores do assunto a ser tratado.

A autora Sonia Abrão é jornalista e há mais de vinte anos trabalha com o segmento de comunicação popular. Já desempenhou a função de repórter, redatora, chefe de reportagem em revistas de variedade. Assinou colunas de TV em vários jornais do país. Trabalhou também como comunicadora em rádios e como apresentadora de TV. Atualmente comanda um programa diário de TV em um canal aberto de televisão. Segundo a própria autora, a ideia de escrever o livro surgiu da vivência que teve em dez anos de trabalho como comunicadora na rádio Capital de São Paulo. No seu programa “Boas Notícias”, Abrão conversava com as ouvintes no quadro intitulado “De mulher para Mulher”. Nesse quadro, protegidas pelo anonimato, as ouvintes desabafavam e buscavam orientação e apoio com relação às dores do amor.

O autor Lair Ribeiro, por sua vez, é médico brasileiro e radicalizado nos estados Unidos desde 1976. Na Universidade de Harvard, passou por

treinamento médico e adquiriu vasta experiência nas áreas da educação e empresarial. Possui treinamento em várias áreas da Psicologia e já publicou mais de 100 títulos científicos. É graduado também pelo Instituto de Neurolinguística (NLP) de Nova Iorque e pelo Instituto de *Brain Technology* no Colorado. Nos últimos tempos se dedica às áreas de desenvolvimento pessoal, ministrando cursos em vários lugares do mundo. É reconhecido pelo entusiasmo e energia e considerado por muitos como um profissional capaz de simplificar assuntos vistos como complexos e encontrar soluções com aparente facilidade.

Como aponta Brunelli (2004, p. 68):

esse conjunto de textos paralelos ajuda a legitimar o lugar de saber a partir do qual o sujeito-enunciador do discurso de auto-ajuda enuncia, tendo em vista que o apresentam como alguém que está preparado para o que se propõe fazer (dada a sua formação) e que está atuando nessa área que se pode chamar de "desenvolvimento pessoal" ou mesmo auto-ajuda (proferindo palestras, ministrando cursos e publicando livros), o que também atesta a sua aptidão e lhe garante credibilidade.

Além disso, os enunciadores das obras mencionadas despertam o sonho e a fantasia nos leitores, incentivando-os a viver sem culpa, e ao ocupar um lugar de saber, proporcionam aos seus adeptos maneiras de superar qualquer dificuldade humana pela força do pensamento, pela energia interna e pela crença neles mesmos. Tanto Abrão quanto Ribeiro se mostram generosos em relação a seus leitores ao oferecer fórmulas mágicas que os induzem à crença de realizações fantásticas e respostas definitivas para os problemas e aflições.

A despeito das semelhanças apontadas aqui, o livro *Abaixo a mulher capacho* apresenta uma temática voltada para a autoestima e valorização da mulher enquanto *O sucesso não ocorre por acaso* é voltado para a temática do sucesso profissional e financeiro.

Observamos que o sujeito enunciador da obra voltada para mulheres lida com emoções e sentimentos dos leitores; esse sujeito quer se aproximar do seu leitor, que está fragilizado e carente, e cria uma imagem de sujeito enunciador como a de um orientador, ou melhor, de um amigo próximo que aconselha e não de alguém que dita ao seu destinatário o que fazer. Mas essa aproximação não se dá por igualdade entre os interlocutores, uma vez que o sujeito enunciador dessa obra mostra (por meio de enunciados e de elementos linguísticos que veremos mais à frente) saber da sua condição de não-capacho e da condição de capacho do leitor e, dessa forma, vai orientar, guiar e ensinar o leitor a não se comportar e agir como tal.

Já na obra que trata do sucesso profissional e financeiro, o sujeito enunciador lida com enunciados mais racionais, chamando o leitor à razão; esse enunciador também orienta, guia e conduz, mas se aproxima do leitor em relação de igualdade porque ambos querem o sucesso.

A seguir, estabelecemos alguns critérios de análise utilizados na descrição pragmática e semântica dos enunciados constitutivos do discurso de autoajuda.

4.2 CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Para a descrição pragmática e semântica que promovem a assertividade e a relativização, selecionamos alguns critérios de análise que devem sustentar a verificação da hipótese descritiva na análise de dados. Esses critérios tanto estão relacionados ao contexto de interação e à constituição da força ilocucionária (informações pragmáticas), quanto à camada de atuação e à forma do modificador (informações semânticas) e à estrutura morfosintática do enunciado, conforme veremos a seguir.

Tipo de discurso

Buscamos verificar se a diferença na temática das obras selecionadas influencia no tipo de modificador utilizado pelo sujeito falante. Para exemplificar a diferença de temática, temos as seguintes ocorrências, cada uma representando um discurso selecionado:

- (43) “Eu sei que você vai se criticar por ter sido tão submissa, vai se arrepender, fará um balanço dos erros, mas cuidado para não cair em outra armadilha nessa hora: assumir toda a culpa pelo que não deu certo, como se, assim, estivesse em suas mãos consertar a situação e recomeçar tudo com ele. É puro engano! Nem pense em tentar a reconciliação. Está acabado e ponto final. Aceite isso. E reinicie a sua própria vida!” (ABRÃO, 2009, p. 121)

- (44) “O importante é aprender a pensar direito, e isto é possível. (...). Qualquer um pode aprender a aumentar tremendamente a sua capacidade mental: basta conhecer a tecnologia adequada para isso.” (RIBEIRO, 1992, p. 15)

Na obra de Abrão (43), a temática lida com emoções e sentimentos dos leitores que estão carentes e fragilizados. Já a obra de Ribeiro (44) trata de sucesso profissional e financeiro e lida com questões lógicas levando o leitor à razão. Olhar para a diferença na temática dos discursos nos permite atribuir intencionalidades (pressupostas) aos sujeitos na constituição de seus discursos.

Camada de atuação do modificador

As camadas de atuação dos modificadores aqui estudados se encontram no Nível Representacional e são: Conteúdo Proposicional, Estado-de-coisas e Propriedade Lexical. Considerando a organização descendente do modelo, esperamos verificar se cada camada em que se aloja o modificador está relacionada com diferentes graus de subjetividade. Pretendemos verificar também se há diferença de usos, feita pelos enunciadores, com relação às camadas do Nível Representacional e o que esse uso implica. Exemplificamos, abaixo, as camadas e seus modificadores no Nível Representacional, respectivamente:

NR

Conteúdo Proposicional (p)

- (45) “A habilidade de se expressar é, **provavelmente**, a mais importante de todas as que uma pessoa pode possuir.” (RIBEIRO, 1992, p. 66)

Estado-de-coisas (e)

- (46) “O maior poder da nossa mente está no nosso inconsciente; no entanto, na civilização ocidental, a educação **costuma** estar concentrada no hemisfério esquerdo do cérebro.” (RIBEIRO, 1992, p. 33)

Propriedade lexical (f)

- (47) “Se o saldo é positivo ou **quase** (o que inclui mudanças) e a autoimagem também, há grandes chances de não se deixar pisar, porque você tem auto-estima. (ABRÃO, 2009, p. 11)

Forma do modificador de relativização

Os modificadores podem aparecer sob diversas formas nas camadas acima mencionadas. Determinar essas formas nos discursos selecionados pode evidenciar envolvimento do falante com o enunciado produzido, diferentes efeitos de sentido e diferentes graus de subjetividade. Temos, como exemplo, as ocorrências abaixo:

Evidencial de Inferência – (NR – p)

- (48) “**Acho** estranho como tantas querem malhar os músculos, mas não exercitam o próprio sentimento, olham as gordurinhas no espelho, mas ignoram a própria alma.” (ABRÃO, 2009, p. 4)

Modalizador dinâmico de capacidade – (NR – e)

- (49) “Assim **é possível** descobrir a própria identidade, a força pessoal, a resistência espiritual, a cumplicidade com você mesma (...) (ABRÃO, 2009, p. 28)

Aspectualizadores – frequência verbo (NR – e)

- (50) “A capacho moralista, por acumular frustrações por baixo do pano, **costuma** se tornar fofoqueira, falar mal de tudo, fazer intriga, torcer pela infelicidade das outras no amor, a fim de se convencer de que ela é quem está certa em seguir uma vida medíocre, geralmente com um homem idem.” (ABRÃO, 2009, p. 83)

Aspectualizadores – frequência advérbio (NR – e)

- (51) “O amor **geralmente** acaba pelo desgaste natural, ao completar um ciclo. Como a própria vida!” (ABRÃO, 2009, p. 120)

Modificador de Indefinição/indeterminação – quantificador (NR – f)

- (52) “Ao fazer essa retrospectiva, é possível perceber que **alguns** erros do passado podem ser corrigidos e outros, não.” (ABRÃO, 2009, p. 151)

Forma do modificador ‘de certeza’

A indicação de certeza produz um efeito contrário à relativização. Observamos, no entanto, que as indicações de certeza costumam ser usadas como forma de equilibrar o efeito de relativização resultante da presença de modificadores de possibilidade, de frequência relativa ou de quantificação indeterminada. Assim, para preservar o caráter asseverativo dos discursos da autoajuda, a indicação de certeza ajuda a contrabalançar tal efeito, razão pela

qual sua ocorrência será aqui analisada. As seguintes ocorrências exemplificam essa somatória de estratégias:

(53) “Dizem que as pessoas como Einstein já nascem gênios. Não é verdade. **Alguns realmente** nascem com uma potencialidade maior.” (RIBEIRO, 1992, p. 13)

(54) “Ah! Mas fulano é de sorte”, é o que **alguns sempre** dizem. Sorte **NÃO** existe.” (RIBEIRO, 1992, p. 103)

Nos exemplos acima, nota-se que os modificadores (**alguns**) estão acompanhados por indicações de certeza (advérbio **realmente** e **sempre**) que atuam como recurso para equilibrar o efeito de relativização causado pelos modificadores na tentativa de confirmar uma afirmação e manter seu caráter assertivo.

Tempo e Modo da Oração

Tendo em vista que o tempo e o modo da oração são formas de expressão básicas da indicação de certeza em diferentes graus, embora não sejam classificados como modificadores, essas duas categorias gramaticais serão analisadas nos enunciados em que ocorrerem os modificadores identificados de nos critérios já mencionados. Para a descrição das orações, consideramos as seguintes possibilidades: indicativo/presente; indicativo/pretérito (perfeito e imperfeito); indicativo/futuro e subjuntivo/presente; subjuntivo/pretérito.

Indicativo/presente

- (55) “Na verdade, ela **pode** ter um marido abominável, ser maltratada, desprezada, usada como objeto de cama e mesa, ter filhos problemáticos, ser escrava em vez de “rainha do lar”, mas mesmo assim **se coloca** como melhor que as outras porque é casada.” (ABRÃO, 2009, p. 82)

Indicativo/pretérito imperfeito

- (56) “Na véspera de sua partida, eu **tinha** que dar aula para um grupo de médicos do hospital, de especialidades diferentes, sobre arritmias no infarto agudo do miocárdio. (...). No final da aula, Peter **veio** a mim e **perguntou-me**: “Você gostaria de ir para Harvard?”” (RIBEIRO, 1992, p. 104)

Indicativo/futuro

- (57) “Aposte na singularidade. Do contrário, você **será** sempre prisioneira desse complexo e nem se o melhor cirurgião plástico do mundo te deixar com a cara da Angelina Jolie você **conseguirá** se sentir bela e **acreditará** nos elogios.” (ABRÃO, 2009, p. 110)

Subjuntivo/pretérito

- (58) “Se o seu pai não **tivesse** feito isso, quem sabe, talvez você **fosse** hoje um criminoso.” (RIBEIRO, 1992, p. 23)

O uso do modo indicativo passado, por exemplo, demonstra por parte do enunciador algo já ocorrido e vivenciado por ele e que serve para justificar suas orientações e direcionamentos, afinal, ele mostra ter conhecimento de causa. O uso do futuro do presente pelo enunciador evidencia que atitudes e ações precisam ser realizadas por parte do leitor para que este atinja o êxito desejado.

Posicionamento do enunciador em relação ao leitor

Esse critério nos ajudará a observar o posicionamento do enunciador em relação ao seu destinatário e, com isso, verificarmos o grau de envolvimento estabelecido entre esses interlocutores. Esse critério se mostra importante para identificar de que maneira os enunciadores utilizam o recurso do posicionamento no discurso como estratégia de aproximação. Notamos os seguintes posicionamentos:

Enunciador se posicionando como EU:

- (59) “Enquanto se espantavam de um lado, **eu** me surpreendia de outro, ao ver como estavam traumatizadas e prisioneiras de uma visão de mundo em que não havia chance de felicidade para elas. (ABRÃO, 2009, p. 49/50)

Enunciador se posicionando como NÓS (eu+você):

- (60) “**Nosso** cérebro é condicionado a focar mais o que “não” **queremos** do que o que **desejamos**. (RIBEIRO, 1992, p. 64)

Enunciador se posicionando como NÓS (eu + outros excluindo você)

- (61) “Nos cursos que ministramos, não **trabalhamos** com terapia, mas com mudanças de paradigmas, o que vai muito além de uma terapia: é a tecnologia do século XXI.” (RIBEIRO, 1992, p. 87)

Referência do enunciador em relação ao leitor

Assim como identificar o posicionamento do enunciador se mostra importante, também o é a forma como este enunciador se refere ao leitor. Esse critério nos possibilitará verificar se o enunciador busca se aproximar ou se

distanciar do seu leitor, incluindo-o ou excluindo-o das afirmações. Identificamos algumas formas de referência do sujeito enunciador em relação ao seu leitor:

Você individualizado (diretamente para o leitor):

- (62) “Antes de tudo **você** se comunica consigo mesmo. Mas em seguida é fundamental, para a sua própria sobrevivência, que **você** se comunique com o mundo ao redor.” (RIBEIRO, 1992, p. 66)

Você generalizado (qualquer leitor carente, aflito e que se identifica com o assunto tratado):

- (63) “a criança não faz o que **você** fala mas o que ela vê **você** fazer; ela passa a ser uma grande observadora das atitudes dos adultos.” (RIBEIRO, 1992, p. 61)

Há, ainda, uma outra forma de o enunciador se referir não ao enunciatário, mas a um indivíduo que tenha as mesmas características que o enunciatário; por meio de uma referência de terceira pessoa genérica, o enunciador fala de alguém que ilustra a condição que se aplica ao enunciatário. Esse é o caso de (64), em que a alusão a um tipo de mulher capacho cria a possibilidade de identidade entre a mulher ‘capacho vingativa’ e a mulher leitora:

Ela (terceira pessoa genérica)

- (64) “E surge **a capacho vingativa**, que pode ir às últimas conseqüências, já que não tem mais nada a perder. (...). **Ela** não percebe que vai se afundando no rancor, e envenenando com tanto ódio, se ferindo na insistência de fazer desse homem o centro de sua vida (...).” (ABRÃO, 2009, p. 65)

Estrutura sintática da argumentação

Pretendemos verificar se a estrutura sintática argumentativa usada pelos enunciadores influencia na assertividade e na relativização dos enunciados, provocando maior adesão por parte dos leitores aos aconselhamentos e orientações. As estruturas identificadas e consideradas aqui foram:

Adversativa

- (65) “Sou contra classificar pessoas em tipos básicos, já que um ser humano vai muito além de qualquer rótulo e traz em seu íntimo infinitas possibilidades, **mas** estou fazendo isso agora para tornar mais fácil o entendimento desse jogo emocional, no qual a mulher já entra como perdedora.” (ABRÃO, 2009, p. 7)

Equativa

- (66) “Nós vivemos num mundo de ilusões: o que você pensa que é real, na verdade pode não ser. **A realidade é algo subjetivo.**” (RIBEIRO, 1992, p. 21)
- (67) “A maioria das pessoas diz: o dia em que me sentir assim, eu vou fazer. Não é este o caminho; comece logo a fazer que o sentimento aparece, as coisas mudam fora e dentro de você. **Intenção sem ação é ilusão.** Ouse fazer e o poder lhe será dado.” (RIBEIRO, 1992, p. 43)

Completiva (Subjetiva ou Predicativa) Avaliadora

- (68) “**É óbvio** que quer ser bem tratada, mas quer se sentir mulher ao lado desse homem e não bibelô, bonequinha ou então a “poderosa chefona”” (ABRÃO, 2009, p. 96)
- (69) “**O problema é** que as pessoas estão ligando Sucesso com felicidade; então a conversa fica do seguinte modo (...)” (RIBEIRO, 1992, p. 10)

Ao levarmos em conta os critérios descritos até aqui, faremos uma análise das estratégias pragmáticas e semânticas que levam à assertividade e à relativização e apresentaremos os resultados dessa análise no capítulo seguinte.

CAPÍTULO V

A ASSERTÃO PRAGMÁTICA E A RELATIVIZAÇÃO SEMÂNTICA

Para descrever a assertividade, apontada como característica maior do enunciador da autoajuda, iniciaremos a análise pelos elementos que, segundo Vanderveken (1985, 1990) constituem uma asserção, não sem antes repetir a ressalva feita por Vanderveken (1990), ao afirmar que, nas línguas naturais, não há correspondência biunívoca entre as forças ilocucionárias e as formas de expressão dessas forças. Isso significa que as formas de expressão serão aqui analisadas sempre dentro do contexto específico de interação do discurso da autoajuda e que uma mesma forma poderá, em contextos diferentes, realizar atos ilocucionários diferentes.

Serão considerados os seguintes componentes de uma asserção: o ponto ilocucional, o modo de realização, as condições sobre o conteúdo proposicional, as condições preparatórias e as condições de sinceridade. Esse conjunto de parâmetros atua sobre um determinado conteúdo, transforma-o em um ato e define a maneira de atuação do enunciador em relação ao enunciatário ou em relação a um aspecto da realidade.

O primeiro elemento é o **ponto ilocucional**, que expressa o que o enunciador pretende fazer ao executar um ato assertivo e se caracteriza por um enunciado em que um estado-de-coisas é declarado, afirmado como real, como podemos conferir nas ocorrências abaixo:

(70) “Por trás da mulher capacho **há sempre** uma mulher em pânico diante de um mundo que ela se julga capaz de enfrentar.” (ABRÃO, 2009, p. 28)

(71) “O sucesso **significa** nunca parar, ou seja, sempre ir em busca de algo mais. A estrela do sucesso está sempre em movimento.” (RIBEIRO, 1992, p. 29)

Na construção do convencimento, o enunciador da autoajuda trabalha com conceitos e fatos que são apresentados como certos e inquestionáveis. Daí a alta frequência de enunciados com ponto ilocucional assertivo como (70), em que uma frase existencial com o verbo **haver** dá como certa a atitude de pânico da mulher capacho, reforçada ainda por um advérbio de frequência absoluto como **sempre**. Em (71), o ponto assertivo é caracterizado por uma outra estrutura também muito frequente, que são as construções em que o enunciador dá como certo um determinado significado, ou, como afirmam Brunelli e Dall’Aglio Hattner (2009, p.182), em que o enunciador “revela aos seus enunciatários o significado de certos fatos”, introduzindo-os geralmente pelo verbo **significar**.

Com relação ao **modo de realização**, a assertividade no discurso da autoajuda também pode ser caracterizada por enunciados assertivos e diretivos, cujo modo de realização pode ter a forma de relato (72) e (73), de conselho e

direcionamento (74) e (75), de afirmação de uma declaração (76), (77), como podemos ver nos exemplos abaixo:

- (72) “Perdi a conta dos casos em que o amor **tinha** virado um pesadelo na cama. O motivo: um homem machista! Em tantos anos de histórias diárias, essa sempre **foi** a maior queixa.” (ABRÃO, 2009, p. 47)
- (73) “A multa **correspondia** exatamente ao valor que eu **possuía**, e meu pai disse que não iria pagar a multa porque eu **tinha** meu próprio dinheiro. Assim, **tive** que pagar uma multa que provavelmente nem existia na lei, por um roubo que eu não havia praticado.” (RIBEIRO, 1992, p. 97)
- (74) “**Tenha** força de vontade para virar o jogo. Não desista. **Vá** se blindando por dentro, enquanto cria condições e coragem para largar esse homem que não é um parceiro, mas sim um “castigo”. (ABRÃO, 2009, p. 67)
- (75) “**Faça** esse exercício: **escreva** as suas metas para os próximos seis meses, doze meses, cinco anos, dez, vinte anos. **Confie**, ponha em prática e depois veja os resultados...” (RIBEIRO, 1992, p. 82)
- (76) “De fato, a vida **é** um problema atrás do outro. A diferença é como você **encara** o problema e como aprende com ele.” (RIBEIRO, 1992, p. 96)
- (77) “A situação em que o machista **coloca** a mulher é perversa: se é discreta na cama, recebe o rótulo de “fria”, caso se empolgue, é chamada de prostituta. Se **tenta** se cuidar e ser feliz, é acusada de ter um amante. No fundo, ele quer descontar nela os seus recalques.” (ABRÃO, 2009, p. 49)

O enunciador apresenta enunciados assertivos realizados de modos distintos (modo-relato, modo-conselho e modo-afirmação). Ao relatar algo, e esse relato é identificado pelo uso de verbos no pretérito do indicativo como **contaram, correspondia, possuía, foi, tive, existia**, os enunciadores buscam

evidenciar experiências vivenciadas ou acompanhadas por eles para, dessa forma, justificar a legitimidade de seus aconselhamentos e declarações, reforçando a autoestima e levando o leitor a seguir as orientações de como agir e de como se comportar. Esses aconselhamentos e declarações aparecem na forma de verbos no imperativo, **tenha, vá, faça, escreva, confie**, e no presente do indicativo, **é, encara, coloca, tenta**, respectivamente, demonstrando, com relação às condições de realização de um conteúdo proposicional, que uma asserção realizada no discurso de autoajuda descreve um estado-de-coisas como algo já existente e verdadeiro por meio do relato, do conselho e da afirmação de um enunciado.

Para as **condições preparatórias**, o ato assertivo na autoajuda se realiza quando o enunciador evidencia conhecimento sobre o que descreve, ou seja, o enunciador da autoajuda tem de ser capaz de realizar o ato assertivo demonstrando ter ciência do assunto descrito. Neste caso, o enunciador se mostra numa posição de saber, de detentor do conhecimento, de alguém que domina o assunto a ser tratado e, por sua vez, posiciona seu leitor como alguém que precisa de ajuda, como observamos nos exemplos abaixo:

- (78) “Em dez anos como comunicadora de um programa na Rádio Capital de São Paulo intitulado “Boas Notícias”, milhares de ouvintes me contaram sua dores de amor no quadro “De Mulher para Mulher”, campeão de audiência. Protegidas pelo anonimato, se sentiam seguras para abrir o coração e revelar seus sonhos frustrados, as mágoas e decepções com os homens, coisas que mantinham no mais absoluto segredo fora do ar (...).” (ABRÃO, 2009, p. 47)

(79) “Vocês estão lendo este livro porque ouviram falar que o Dr. Lair Ribeiro é médico, estudou na Universidade de Harvard, está nos EUA desde 1976, tem credenciais em cardiologia, é especialista em neurolinguística e tem realizado cursos em vários países. (RIBEIRO, 1992, p. 67)

Na ocorrência (78), o enunciador deixa claro seu elevado conhecimento sobre as questões amorosas que incomodam o outro ao declarar sua experiência de “dez anos como comunicadora” de um programa “campeão de audiência”, que atingiu essa condição por conta de “milhares de ouvintes” que tinham confiança e segurança em abrir os corações e pedir ajuda para um enunciador que oferecia soluções. Observamos que o enunciador assume seu lugar de saber na enunciação e isso implica ter um conhecimento específico para ser transmitido, e o destinatário, aqui carente e infeliz por conta de um relacionamento mal sucedido e frustrante, necessita de ajuda para entender que ele precisa sair dessa condição de submissão. Na ocorrência (79), o enunciador fala de suas qualidades e demonstra conhecimento, ou seja, ele é um homem bem sucedido, sabe disso e entende que o leitor que estiver interessado em obter sucesso certamente buscará se orientar pelos seus ensinamentos.

Reforçando essa análise, Chagas (2001, p. 69) afirma que o sujeito enunciador, considerado fascinante, “ocupa a ‘função paterna’(como modelo) e ‘ensina’ o caminho que leva o sujeito que o segue a um novo mundo, um mundo de felicidade e realizações. É habilidoso em fazer isso e assim o faz como se tivesse vivenciado esse mundo de maravilhas.”

Em relação às **condições de sinceridade**, no ato assertivo do discurso de autoajuda, o sujeito enunciador reporta uma informação sincera de acordo com o estado psicológico expresso por ele. O ato assertivo no discurso de autoajuda envolve uma expressão de crença, conselho e direção. As ocorrências seguintes demonstram a presença desse componente:

(80) “O grande desafio do século XXI é fazer com que homens e mulheres abandonem seus velhos papéis na cama e sejam apenas eles mesmos, genuinamente interessados em dar e receber prazer. Afinal, a liberação sexual trouxe quantidade e variedade, mas qualidade ainda é um aprendizado de todos.” (ABRÃO, 2009, p. 57)

(81) “Para ter sucesso na vida, um dos segredos é fazer as coisas acontecerem. Conversa não adianta. O que interessa é resultado.” (RIBEIRO, 1992, p. 107)

Nos exemplos acima, temos sujeitos enunciadorees que acreditam nas teses que enunciam e por meio delas direcionam o leitor para um comportamento que eles julgam adequado. Na ocorrência (80), a crença na possibilidade e o desejo de uma relação de igualdade sexual entre homens e mulheres são apresentados, afinal de contas, esse é o ‘grande desafio’ lançado pelo enunciador. Em (81), a crença no ato de agir e fazer acontecer do indivíduo para mudar seu destino se mostra clara por parte do enunciador quando ele destaca o ‘resultado’ como sendo o mais importante. O enunciador apresenta um discurso atrativo e animado, com convicção e certeza, e leva o leitor a uma sensação de determinação e de realização de suas metas, pois as situações complicadas e

conflituosas passam a ser vistas pelo leitor como desafios a serem enfrentados. Ou seja, os enunciadores orientam o leitor para uma tomada de atitude, para as ações.

Além desses elementos apontados no discurso de autoajuda, podemos também identificar o tom de otimismo que é apresentado pelo enunciador desse discurso. As ocorrências abaixo conferem esse tom:

- (82) “Sempre há uma nova chance, desde que você esteja à disposição do inesperado e não tenha medo de se experimentar em outros envolvimento.” (ABRÃO, 2009, p. 123)
- (83) “Se ele chegou tarde, reclame. Se o sexo não está bom, seja sincera. Se está com ciúme, confesse. (...). É assim que a mulher se coloca, se defende, mostra que existe, deixa de ser capacho. E também ganha a admiração de quem ama.” (ABRÃO, 2009, p. 129)
- (84) “Um exemplo simples como esse pode nos ensinar que sempre é possível melhorar na vida – que não importa quão bem-sucedido você seja.” (RIBEIRO, 1992, p. 13)
- (85) “A vida nos apresenta momentos alegres e momentos tristes. A maneira como aproveitamos cada um desses momentos depende de nós próprios. Quando a vida lhe apresentar um limão, faça dele uma limonada. Está é a atitude dos indivíduos bem-sucedidos.” (RIBEIRO, 1992, p. 87)

Os enunciadores articulam seus enunciados de modo a apresentar o otimismo, as boas notícias, a esperança de melhores condições de vida, de trabalho e de relacionamento. No embalo desse tom otimista, dizem somente aquilo que os leitores querem, precisam e desejam ouvir, não lhes causando

descontentamento; pelo contrário, o sentimento é de consolo, fé, segurança e certeza de que os sonhos, ou como diz Chagas (2001), ‘as ilusões’, se tornarão realidade.

Ao considerarmos as perguntas que circundam nosso trabalho (Como um texto que fala para e sobre um leitor tão genérico consegue ter um alto grau de assertividade? Por que as afirmações relativizadas, necessárias para falar para e sobre esse leitor genérico, não afetam a assertividade do enunciador?), verificamos um conjunto de observações que também nos ajudam a entender e a esclarecer esses questionamentos.

Partindo da premissa de que os livros de autoajuda pregam que a realidade do leitor precisa ser mudada e que esse leitor, responsável pelo seu destino, é capaz de realizar essa transformação, essas obras estruturam-se em três momentos: a) um presente de carência que precisa ser alterado e que é expresso nos enunciados como algo dado como certo, em uma afirmação taxativa; b) um passado que justifica/explica/reforça o presente, expresso por meio de relatos de fatos, de experiências vividas e presenciadas pelo enunciador, fortalecendo suas teses apresentadas e, conseqüentemente, os meios, as técnicas infalíveis para a realização dos sonhos; c) um futuro de transformações e benefícios para o leitor. Nesse arranjo, o futuro ocupa um papel central, pois ele representa a meta a ser alcançada, além de ser a mercadoria, o produto vendido pelo enunciador. É nessa projeção para o futuro que está a garantia de mudança, de melhora que os enunciadores querem proporcionar aos leitores que ficam fascinados e seduzidos

pelas promessas e caminhos a serem seguidos, conforme nos revelam as ocorrências abaixo:

- (86) “Dessa forma, você vai adquirir autoconfiança, **deixará** de depender da aprovação dele e **sentirá** o peso que tem na vida a dois, conforme as mudanças que suas atitudes forem provocando. A sensação de ser ouvida **fará** com que se sinta respeitada e valorizada pelo parceiro.” (ABRÃO, 2009, p. 129)
- (87) “O fundamental é ele sentir, através de nossas palavras, como anda a relação sob nosso ponto de vista. Só assim se **sentirá** motivado a fazer alguma coisa para melhorar a situação, se realmente gostar de você.” (ABRÃO, 2009, p. 129)
- (88) “Você será eficiente na medida em que seu trabalho estiver rendendo frutos não só para a empresa, mas também você. Se for assim, você **estará** trabalhando bem.” (RIBEIRO, 1992, p. 102)

Os enunciadores, ou como são chamados por Chagas (2001), ‘os pregadores da autoajuda’, convictos e sedutores, mostram aos leitores que há como superar impossibilidades, inseguranças, medos e baixa estima, e que todos os recursos necessários para essa superação estão no interior de cada um; é preciso atitude e ação para que a transformação aconteça.

Na classificação desses três momentos, verificamos que a certeza e a possibilidade se distribuem de maneira diferente. No passado, como vimos acima, os enunciadores relatam um fato, algo que já foi experienciado e materializado por eles, como a certeza sobre os erros ou as circunstâncias que justifiquem o presente. Se são fatos ocorridos, isso significa que os sujeitos enunciadores se comprometem com certas verdades e fatos que são apresentados

e marcados por um alto grau de assertividade, podendo as asserções estar na forma afirmativa ou negativa:

- (89) “Na hora de formar o coral, ele acabou vendo que meu sapato estava furado na ponta e não só caiu na gargalhada, como mostrou para todos da classe (...). Eu queria morrer e odiei profundamente aquele menino. Ele sentiu que foi parar no *freezer* do meu coração. Era o fim!” (ABRÃO, 2009, p. 33/34)
- (90) “Certa vez, o professor da cadeira de Neurofisiologia viajou e tive que substituí-lo. Foi a primeira vez que os alunos entenderam o tema. (...). O material era o mesmo, mas a energia e o interesse eram outros.” (RIBEIRO, 1992, p. 101)

No momento presente, a certeza que se tem é sobre a carência do leitor e os enunciados, então, são tidos como certo. Uma vez que o leitor busca orientações para superar angústias e sofrimentos, o sujeito enunciator realiza os enunciados manifestando uma capacidade dinâmica orientada para o leitor sobre as condições necessárias para a superação dos problemas. Assim, o leitor é considerado como responsável pelo seu destino e, por isso, tem capacidade de mudar sua vida. Essa capacidade é expressa pelo uso do modal **é possível** que se configura, nesse caso, como expressão da modalidade dinâmica. Vejamos alguns exemplos:

- (91) “EXAMINAR O PASSADO. Esse é um passo crucial para elevar a auto-estima. Ao fazer essa retrospectiva, **é possível** perceber que alguns erros do passado podem ser corrigidos e outros, não.” (ABRÃO, 2009, p. 151)
- (92) “Se a auto-estima anda meio caída, não desanime. **É possível** reverter esse quadro.” (ABRÃO, 2009, p. 163)

(93) “Com a expansão da mente e a mudança de percepção, através das técnicas como as que ensinamos neste livro e em nossos cursos, é **possível** inverter esta relação e criar uma nova realidade.” (RIBEIRO, 1992, p. 27)

(94) “É **possível** aprender em uma hora o que se costumava aprender em uma semana. Basta você acreditar e adquirir a tecnologia para tal.” (RIBEIRO, 1992, p. 37)

O que observamos nesses enunciados é que há a manifestação de uma capacidade dinâmica centrada no leitor, ou seja, esse indivíduo tem condições de realizar uma dada ação, a mudança se mostra viável e ele precisa confiar e acreditar em si. Assim, como ilustra Chagas (2001, p. 75), a manifestação de incerteza não está presente nesses casos, pois “o discurso dos líderes da autoajuda é preenchido (...) por palavras e frases persuasivas (...). Trazem, pois, na sua estrutura, conteúdos de certeza e convicções inabaláveis (...)”, e o grau de assertividade do enunciador em relação ao seu leitor é bem marcado.

Como se sabe, dadas as características objetivas dessa qualificação, a modalidade dinâmica chega a ter seu lugar entre as modalidades posto em dúvida. Mas a GDF equaciona essa questão alojando a modalidade dinâmica nas camadas mais baixas do Nível Representacional, sendo, portanto, a mais objetiva das modalidades. É esse traço quase descritivo dessa modalidade que reforça a assertividade do enunciador, quando atribui capacidades para participantes e eventos no presente como verdades absolutas, independentes da sua avaliação.

Quando usado para fazer referência a um momento futuro no tempo de transformação do leitor da autoajuda, o modal é **possível** expressa uma

possibilidade epistêmica sobre a conquista de algo e os enunciados se mostram menos assertivos nesses casos, pois, como podemos conferir na passagem abaixo, o enunciador apresenta um caminho de possibilidade que trará benefícios para o leitor desde que ele siga as orientações. Ao expressar uma possibilidade que incide sobre o evento ('esclarecer dúvidas, lavar mágoas, fazer acordos'), o enunciador não se envolve, criando, dessa forma, um distanciamento:

(95) “E importante esclarecer todas as dúvidas, lavar as mágoas, fazer novos acordos a dois, olho no olho. Isso só **será possível** quando deixarmos de ignorar nossa voz interior, aquela que vem do coração (...)” (ABRÃO, 2009, p. 128)

Um outro uso ambíguo das modalidades que poderia ser interpretado como forma de distanciamento do enunciador é o uso do verbo **achar**. Esse verbo ocupa um espaço de superposição entre a evidencialidade e a modalidade epistêmica, na medida em que tanto indica que um conhecimento está sendo apresentado como resultado de um cálculo mental, uma evidencialidade inferencial, como também indica que a fonte desse conhecimento inferido é o falante. No caso do discurso da autoajuda aqui analisado, temos, então, um sujeito enunciador (em primeira pessoa por conta da natureza dêitica da evidencialidade) que revela credibilidade por se mostrar no enunciado, por se posicionar em relação a um certo assunto e por revelar aos leitores não temer nenhum obstáculo, pois tudo é possível, como vemos a seguir:

- (96) “Como este livro trata dos sentimentos femininos em relação ao homem, **acho** que a pergunta principal é essa: qual a qualidade do sexo que esse homem dividido proporciona à mulher?” (ABRÃO, 2009, p. 57)
- (97) “**Acho** que este é o ponto fundamental da nossa conversa e é por aí que podemos começar a desmontar a armadilha em que sempre cai a mulher capacho.” (ABRÃO, 2009, p. 103)
- (98) “**Acho** que ficou claro como os problemas de auto-estima baixa podem afetar sua vida, inclusive fazendo de você uma mulher capacho.” (ABRÃO, 2009, p. 157)
- (99) “**Acho** que toda relação precisa de uma tensão flutuante: um não pode ter 100% de certeza de que é dono do coração do outro.” (ABRÃO, 2009, p. 105)

Além do que foi exposto, observamos que, no decorrer dos discursos analisados, o enunciador se refere, em alguns momentos, ao um leitor de forma mais direta, como um leitor tratado de maneira mais individualizada (você individualizado); em outros momentos, o enunciador se refere a um leitor como um leitor genérico (qualquer leitor que esteja carente, aflito e que se identifique como o tema tratado nas obras), buscando uma aproximação e tentando não excluir nenhum possível leitor. Afinal, o sujeito enunciador reconhece que alguns de seus adeptos se identificam com as afirmações e necessitam que as orientações sejam direcionadas diretamente a eles, enquanto outros ainda não assumiram sua suposta condição fragilizada e precisam dessas afirmações de forma indireta. Por conta dessa necessidade do leitor, observamos também que há, ainda, uma outra forma de o enunciador se referir não ao enunciatário diretamente, mas a um indivíduo que tenha as mesmas

características que o enunciatário. Usando uma referência de terceira pessoa genérica, o enunciador fala de alguém que ilustra a condição que se aplica ao enunciatário, mas que não assume essa condição. Temos a seguir, exemplos de como o enunciador se refere ao leitor nesses discursos selecionados:

- (100) “Claro que existe uma distância muito grande entre a realidade e a fantasia, mas parte do seu sonho pode se tornar concreta se **você** entender que tem direito a ser feliz, que as coisas boas da vida estão aí para **você** como para qualquer outra pessoa (...).” (ABRÃO, 2009, p. 106/107)
- (101) “o modo como **você** descobre o que você faz é essencial para a sua própria auto-estima.” (RIBEIRO, 1992, p. 67)
- (102) “Se **você** é cirurgião, tenta resolver tudo com cirurgia. Se **você** é psicanalista, tende a achar que tudo se resolve com psicanálise. Se o **indivíduo** investiu tudo num martelo – anos em estudo, especialização no exterior etc. – é muito difícil mudar e fazer coisas diferentes.” (RIBEIRO, 1992, p. 95)
- (103) “A **capacho moralista**, por acumular frustrações por baixo do pano, costuma se tornar fofoqueira, falar mal de tudo, fazer intriga, torcer **ela** infelicidade das outras no amor, a fim de se convencer de que ela é quem está certa em seguir sua vida medíocre (...).” (ABRÃO, 2009, p. 83)
- (104) “Outra meta a almejar é o social. **O homem** precisa viver em comunidade. Por outro lado, não se deve fazer como **algumas pessoas** fazem, e ficar pulando de festa em festa (...).” (RIBEIRO, 1992, p. 79)

Nos exemplos (100) e (101), observamos que o enunciador ao usar o pronome **você** se dirige diretamente ao leitor, em uma aproximação para estimular, para levar o leitor a agir, a entrar em ação seguindo orientações e instruções dadas. No entanto, devido ao tom um pouco mais didático e

instrucional presente no discurso de autoajuda profissional aqui analisado, o enunciador se refere a um leitor individualizado com mais frequência, numa tentativa de atingi-lo diretamente. Em (102), o enunciador se dirige a um leitor mais genérico, ou seja, a qualquer leitor que se interesse e se identifique de alguma forma com a afirmação dita.

Já nos exemplos (103) e (104), notamos que o uso de termos como **capacho moralista, ela, o homem e algumas pessoas** se referem a uma terceira pessoa também genérica. O enunciador, pressupondo seu público leitor e pressupondo que este pode estabelecer uma identidade com os enunciados, utiliza formas mais gerais de se referir aos leitores e consegue atingi-los de maneira indireta, sem que estes se sintam ofendidos, o que justifica o uso frequente desse recurso, principalmente, na obra de autoajuda para mulheres, em que o enunciador assume um tom menos impositivo para com seus adeptos na busca por aproximação. Vale ressaltar que na obra voltada para mulheres, o enunciador usa o você individualizado e a terceira pessoa genérica com intenções distintas. Ao se referir diretamente ao leitor, o enunciador destaca a capacidade e a condição de mudança do leitor. E ao usar os termos genéricos (terceira pessoa genérica), o enunciador ameniza a possível condição do leitor de ser dependente e capacho. Dessa forma, o enunciador se preserva e se aproxima do leitor para poder guiá-lo, conforme os exemplos (100) e (103) acima.

Tendo visto a relevância de como o enunciador se refere ao leitor para a argumentação e efeito de sentido do discurso, faz-se necessário também considerar o modo como o enunciador se posiciona nos textos analisados.

Observamos que, nos dois discursos aqui estudados, os enunciadores utilizam o recurso do posicionamento no discurso como estratégia de se aproximar dos seus leitores para conseguir dar as orientações e direções adequadas para os adeptos. No entanto, percebemos que esse posicionamento gera efeitos de sentido distintos em cada discurso.

O sujeito enunciator do discurso de autoajuda para mulheres, ao se posicionar com **EU**, demonstra saber sua condição de conhecedor do assunto e sua condição de não-capacho. Essa relação fica clara, no exemplo abaixo, no momento que o enunciator diz que sua carreira de capacho acabou a tempos, procurando testemunhar sua proeza para impulsionar o leitor a seguir a mesma conduta:

- (105) “Na **minha** cabecinha, o garoto acabaria **me** pedindo em namoro diante de tamanha dedicação. Isso nunca aconteceu, ou melhor, quase rolou quatro anos depois, mas aí já era tarde! **Minha** “carreira” de capachinho, graças a Deus, acabou cedo.” (ABRÃO, 2009, p. 33)

Esse enunciator supõe que seu leitor buscou ajuda por se considerar um(a) capacho na relação vivida. Tendo esse pensamento em mente, o enunciator se volta para o leitor procurando uma aproximação entre eles (**NÓS**) para que aquele possa ensinar, guiar, orientar, servir de exemplo para este seguir. Essa aproximação, neste contexto, acaba não sendo uma aproximação por igualdade entre os interlocutores envolvidos, afinal, o enunciator se assume

como o orientador e quer ensinar algo que o leitor ainda não sabe e precisa aprender. Vejamos a ocorrência:

- (106) “**Vamos**, então, tentar entender de maneira geral – pois esse assunto vai além da infelicidade gerada pela ligação capachomachista – as origens desse desencontro entre parceiros, que frustra ainda mais as mulheres do que os homens.” (ABRÃO, 2009, p. 53)

Com o uso do verbo **ir** no plural, o enunciador evidencia um envolvimento e uma aproximação com o leitor, mas essa aproximação é feita para que o enunciador possa auxiliar o leitor sobre a capacidade de entendimento deste sobre um assunto que o afeta e que ele ainda não sabe como resolver. A leitura dessa passagem pode ser, então, a seguinte: “Vamos não porque eu também preciso saber, mas porque eu quero que você aprenda comigo”.

O sujeito enunciador do discurso de autoajuda profissional também se posiciona como **EU** no discurso, demonstrando possuir a capacidade e o sucesso que seu leitor deseja alcançar.

- (107) “**Tenho** 149 trabalhos científicos publicados em inglês, todos baseados em pesquisa ortodoxa. Mas agora que **eu** estou fazendo este novo trabalho, aquele material não conta mais.” (RIBEIRO, 1992, p. 93)

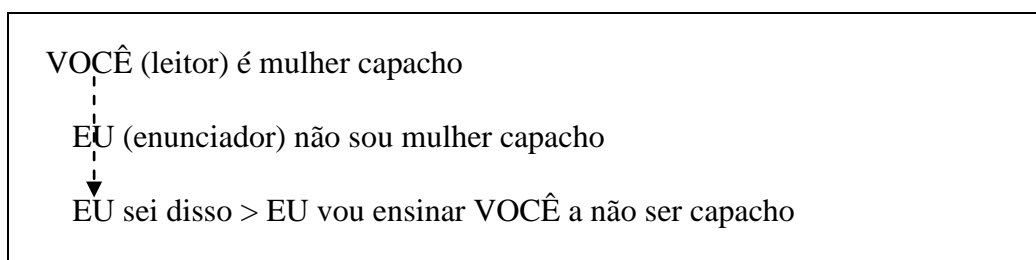
Assim como no discurso de autoajuda para mulher, o enunciador do discurso de autoajuda profissional também se aproxima do leitor, mas com intenções distintas. A relação de proximidade (**NÓS**) é, em termos, uma relação

de igualdade entre os interlocutores, uma vez que ambos querem o sucesso. Mas essa igualdade é parcial, porque o enunciador aqui, também, quer ensinar o seu leitor a conquistar o sucesso tão desejado. A esse respeito, destacamos a passagem abaixo:

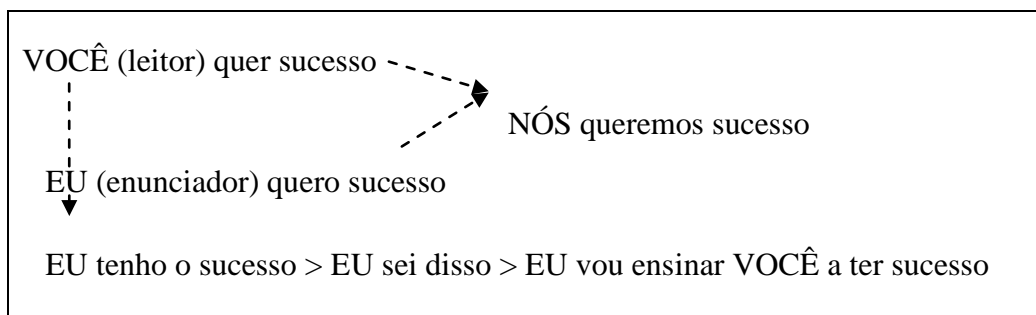
(108) “Tudo que é importante na vida você não faz certo da primeira vez. **Temos** que estar preparados para aprender com as falhas. (...). Quanto melhor você aceita suas falhas, mais aprende com elas para fazer certo da próxima vez. (...). Erros são grandes momentos na **nossa vida**.” (RIBEIRO, 1992, p. 53)

Na ocorrência acima (108), o leitor (você individualizado) ainda comete falhas porque, na visão do enunciador, não está preparado e informado adequadamente. O enunciador, por sua vez, se une ao leitor, e isso fica claro com a presença de elementos linguísticos que marcam essa aproximação (**temos, nossa vida**), estabelece uma relação de igualdade e demonstra que está disposto a ajudar o leitor distribuindo seus ensinamentos e indicando o que deve ser feito, pois, afinal, ambos querem o mesmo: o sucesso. Uma possível leitura seria: “Você quer, mas não sabe ainda como ter; eu tenho, eu sei e vou ensinar porque nesse ponto nós queremos a mesma coisa: o sucesso.”

Os esquemas abaixo ilustram essas diferenças entre os discursos:



Esquema 1: Posicionamento do enunciador na autoajuda para mulheres



Esquema 2: Posicionamento do enunciador na autoajuda profissional

Além dessas duas formas de posicionamento do leitor analisadas acima, identificamos uma terceira, usada no discurso de autoajuda profissional, em que o enunciador se posiciona como **NÓS** se incluindo, incluindo um ‘outro’ alguém e excluindo o leitor. Nesse posicionamento, o enunciador demonstra que, assim como ele, outra pessoa já obteve o sucesso, muito provavelmente, porque seguiu suas orientações e agora o acompanha nessa trajetória. Para o leitor, que está buscando o sucesso, fica a orientação de que, se ele também seguir os passos do enunciador, terá condição de concretizar seus sonhos. Essa passagem pode ser observada em (109) abaixo:

(109) “Os **nossos** cursos, feitos com base nas novas tecnologias de programação neurolinguística, conseguem resultados evidentes em pouquíssimo tempo: **nós ensinamos** o processo e não o conteúdo. Metaforicamente, podemos dizer que **ensinamos** o processo de mastigar e as pessoas depois escolhem o que querem comer.” (RIBEIRO, 1992, p. 15)

Um último recurso relacionado à interação entre os participantes do ato discursivo diz respeito à indicação da fonte da informação disponível para o

enunciador ao fazer suas afirmações. Também nesse caso, os dois enunciadores assumiram posicionamentos bastante divergentes.

Para assegurar e manter a assertividade de seus enunciados, Abrão (2009) usa reportativos cujas fontes são claramente definidas. Esse uso se dá na tentativa de reforçar a veracidade e dar credibilidade aos enunciados por ela veiculados, como vemos em (110), cuja fonte se refere um periódico da área de Psicologia:

- (110) “Um estudo publicado no **Journal of Personality and Social Psychology, da Associação Americana de Psicologia**, concluiu que alardear o próprio sucesso ajuda a reforçar a autoconfiança e a elevar a auto-estima e neutraliza os pensamentos de autodepreciação.” (ABRÃO, 2009, p. 152)

Mas a autora também usa, em alguns momentos, reportativos com fontes não tão explícitas. Essas fontes, embora indefinidas, geram um valor, um efeito de verdade para os enunciados e, com isso, o enunciador tenta reforçar e manter a fidelidade e parceria do leitor. Em (111), Abrão cita estudos de psicólogos de uma universidade sem dar muitos detalhes, ou seja, ela usa, para a função de uma fonte definida, uma forma não tão definida, conseguindo um efeito de verdade para seus enunciados e garantindo a adesão por parte dos seus leitores.

- (111) “**Psicólogos da Universidade do Texas** identificaram os três padrões de personalidade mais comuns entre pessoas com baixa auto-estima.” (ABRÃO, 2009, p. 139)

Ribeiro (1992), já nas páginas iniciais do livro, explicita que boa parte da sua obra é baseada em um outro autor e divide a responsabilidade da veracidade das informações dadas:

- (112) “Parte do que vamos apresentar é baseado nos trabalhos do pesquisador Napoleon Hill, contratado por Andrew Carnegie (provavelmente o homem mais rico de sua época), para uma estranha tarefa. [...] Napoleon Hill selecionou, inicialmente, 1.000 milionários e dentre esses escolheu 500 que, além de dinheiro, tinham satisfação pessoal, saúde, bom relacionamento e estado mental positivo. Durante vinte e cinco anos, ele estudou os denominadores comuns destes indivíduos e chegou a uma série de conclusões, que estão incluídas neste livro.” (RIBEIRO, 1992, p. 11)

Uma vez feita a indicação formal de que parte da informação veiculada tem como fonte um outro enunciador, Ribeiro se desobriga do uso de reportativos e se mostra como um enunciador que se valoriza e quer mostrar que tem conhecimento, como vemos na ocorrência (113), em que o autor faz referência a algumas técnicas sem mencionar que elas foram desenvolvidas por Napoleon Hill, no livro *A lei do triunfo*:

- (113) “Já dissemos que o segredo está no equilíbrio entre os dois hemisférios. Este livro se propõe a ser prático e objetivo, embora ressaltando tanto a importância do hemisfério direito do cérebro (que tem sido tão pouco valorizado em nossa sociedade) e a força do inconsciente. Trouxemos à tona esses temas para que se possa entender com mais profundidade algumas técnicas que têm sido aplicadas com sucesso na melhoria da auto-estima.” (RIBEIRO, 1992, p. 41)

Como pudemos verificar até aqui, os textos analisados têm como característica a assertividade, demonstrada pelos diversos componentes da força ilocucionária, pela construção de um discurso que prioriza os momentos passado e presente na trajetória de transformação do leitor, pelo tom de otimismo, pelo uso de reportativos que emprestam credibilidade, pelo uso menos subjetivo da modalidade, pelas formas de referência ao leitor e pelo posicionamento do enunciador. Mas, como pretendemos mostrar, a assertividade, mesmo sendo marcante, não impede a veiculação de conteúdos semânticos relativizados. Pelo contrário, nas duas obras analisadas, é possível encontrar ocorrências como (114) e (115), em que o enunciador apresenta um estado-de-coisas como possível ou um estado-de-coisas como provável:

(114) “**É possível** mudar o formato do nariz, orelhas de abano, queixo duplo, rugas, dentes imperfeitos, bolsa sob os olhos, seios grandes ou pequenos, barriga, “pneus” de gordura localizada, etc.” (ABRÃO, 2009, p. 110-111)

(115) “Se eu tiver que entender tudo que estou fazendo para fazer realmente as coisas, **provavelmente** não farei nada.” (RIBEIRO, 1992, p. 39)

Para buscar entender como esses enunciados podem ser relativizados sem que essa relativização afete a asserção do sujeito enunciador e nem o seu lugar de conhecimento e saber, faremos uma análise de todas as formas lexicais de expressão dessa relativização encontradas no corpus.

Ao analisarmos as obras, observamos que a diferença de temas dos discursos selecionados influencia o uso das expressões relativizadoras aqui identificadas. Com relação à obra de Abrão (2009), os relativizadores mais usados estão alojados nas camadas mais altas do Nível Representacional. Visto que o enunciador dessa obra apela para a emoção e para o sentimento do leitor, a presença desses modificadores nas camadas mais altas do Nível Representacional se justifica por conta de um maior envolvimento do enunciador com a subjetividade dos enunciados. Há uma relativização dos conteúdos assertivos por meio de elementos linguísticos que sugerem um enunciador mais próximo do leitor, que aconselha como em uma conversa entre amigos, sem agredir o leitor. Assim, os usos mais frequentes se instalam na camada do Conteúdo Proposicional (116) e na camada do Estado-de-coisas (117) e (118):

- (116) “Homem errado é todo aquele que rouba a nossa felicidade. Então, por que insistir no relacionamento? **Acredito** que por dois motivos: ILUSÃO e SOLIDÃO.” (ABRÃO, 2009, p. 21)
- (117) “Hoje já é **possível** conciliar profissão e família, casar, separar ou ficar solteira, ter sexo casual ou com envolvimento, abrir mão da maternidade, ser chefe na empresa (...).” (ABRÃO, 2009, p. 22)
- (118) “Quem sofre de baixa auto-estima **costuma** seguir a linha de pensamento do “tudo ou nada”, ou seja: se uma tarefa realizada não saiu perfeita, foi um tremendo fiasco.” (ABRÃO, 2009, p. 151)

Em (116), o enunciador usa um verbo evidencial encaixador de inferência ‘acreditar’, que tem um complemento pertencente à camada do Conteúdo Proposicional, para se mostrar no discurso e expressar opinião a respeito do assunto. Além disso, o verbo acreditar usado pelo enunciador inicia uma resposta a uma pergunta retórica demonstrando que enunciador sabe se posicionar sobre o tema em questão (submissão da mulher). Como o relativizador usado se encontra na camada mais alta do NR, há um envolvimento maior do enunciador com seu leitor e, conseqüentemente, há um grau de subjetividade maior do enunciador manifesto em seu enunciado. O enunciador, ao relativizar o enunciado assertivo, se aproxima do leitor, de forma a persuadi-lo.

No enunciado (117), o enunciador usa um modalizador adjetivo epistêmico que qualifica o estado-de-coisas “conciliar família com trabalho” como possível. Observamos, no entanto, que essa avaliação de possibilidade é posta como se fosse independente do julgamento do enunciador, gerando, aqui, um distanciamento deste com relação ao seu enunciado. No entanto, esse distanciamento não demonstra incerteza por parte do enunciador com relação ao assunto, mas sim, uma tentativa deste de levar seu leitor a escolher e a decidir o que é melhor para ele.

Em (118), o uso do verbo aspectualizador “costumar” relativiza a afirmação ao colocar a ocorrência do estado-de-coisas ‘seguir a linha de pensamento do tudo ou nada’ como não absoluta. Da mesma forma que em (117), essa relativização pela frequência não mostra o envolvimento do

enunciador na avaliação, mas também não quer dizer que o enunciador não tenha certeza daquilo que está colocando para o seu leitor.

Já na obra de Ribeiro (1992), o inverso acontece. Os modificadores relativizadores mais usados ocorrem na camada mais baixa do Nível Representacional, a da Propriedade Lexical, distanciando ainda mais a avaliação da subjetividade do enunciador. O enunciador aqui se aproxima do leitor, chamando-o para a razão, para o fato de que ele precisa seguir as orientações dadas. O enunciador é mais técnico e seus enunciados, menos subjetivos. Essa diferença de uso nos possibilita verificar o envolvimento dos sujeitos enunciadorees com seus leitores e suas intenções ao constituírem seus discursos. Verificamos esses usos feitos pelo enunciador da autoajuda profissional nos exemplos seguintes:

(119) “**Poucos** sabem a diferença entre distresse e estresse. O estresse é uma coisa boa, está ligado à emoção de realizar coisas e traz energia. (RIBEIRO, 1992, p. 51)

(120) “Sem planejamento, é **quase** impossível atingir metas.” (RIBEIRO, 2009, p. 78)

Na ocorrência (119), ao usar um modificador quantificador de indeterminação (**poucos**), o enunciador não deixa claro a quantidade de indivíduos que têm a informação que ele vai dar, provavelmente porque é preciso ter conhecimento específico para sabê-la e isso o enunciador mostra que tem, afinal, ele dá a definição. O enunciado é objetivo e técnico e o modificador, além de relativizar a asserção, serve também para despertar o interesse do leitor, caso

ele não se encaixe nesse grupo que já tem a informação. Em (120), a indeterminação é ocasionada pelo **quase** que quantifica a impossibilidade de algo ser atingido. Em um enunciado que apresenta uma afirmação técnica, o enunciador relativiza a asserção de forma menos subjetiva.

Encontramos, também, modificadores da camada do Estado-de-coisas, como em (121):

(121) “Se você não tiver outras metas na vida além do dinheiro, acaba escravizado pela obsessão de ganhá-lo, sem realimentar suas energias, e isso **geralmente** culmina em um enfarte.”
(RIBEIRO, 1992, p. 79)

O advérbio aspectualizador **geralmente** relativiza o Estado-de-coisas apresentado anteriormente (ganância pelo dinheiro e não realimentar energias), expressando uma frequência de ocorrência para esse evento. O enunciador sugere, dessa forma, que os leitores que não seguirem essas recomendações poderão ter, com certa frequência, problemas inclusive de saúde.

Da comparação entre os dois discursos, observamos que o enunciador da obra de autoajuda voltada para mulher lida com emoções, sentimento e sofrimento dos leitores. Esse enunciador, na busca de aproximação com seu leitor, lança mão de enunciados mais subjetivos e os relativiza nas camadas mais altas do Nível Representacional. O enunciador da autoajuda profissional e financeira, por sua vez, apresenta enunciados mais técnicos, menos subjetivos e, por isso, assenta suas relativizações nas camadas mais baixas do Nível Representacional. Desse modo, a diferença de discurso leva a usos de

modificadores relativizadores em diferentes camadas e esses usos levam a graus distintos de subjetividade dos enunciados relativizados, de acordo com as intenções de cada enunciador.

Apesar de produzir efeito contrário à relativização, observamos que certos enunciados relativizados são acompanhados de indicações de certeza que costumam ser usadas para equilibrar esse efeito de relativização ocasionado pelos modificadores que indicam possibilidade, frequência relativa ou quantificação indeterminada. Essas indicações de certeza ajudam a preservar a assertividade dos discursos de autoajuda selecionados, como podemos conferir nas ocorrências abaixo:

(122) “Pois é, **tenho certeza** de que acertei todas as respostas, que refletem sua dependência e insegurança.” (ABRÃO, 2009, p. 105)

(123) “Quem consegue integrar em seu dia-a-dia os dois hemisférios, **sem dúvida** aumenta o seu Q.I. e percebe mais oportunidades no mundo.” (RIBEIRO, 1992, p. 49)

Em (122), a expressão **tenho certeza** usada pelo enunciador é extremamente assertiva e preserva esse caráter no enunciado; além disso, o enunciador demonstra conhecimento apurado quando se trata dos sentimentos do seu leitor.

Na ocorrência (123), observamos que a indicação de certeza expressa pelo uso do termo **sem dúvida** também mantém a assertividade do enunciado,

demonstrando conhecimento por parte do enunciador, que não deixa margem para dúvidas ao conduzir seus direcionamentos e orientações.

Outra forma de expressão da indicação de certeza que observamos foi o modo e o tempo das orações. Essas categorias aqui também são usadas pelo enunciador para equilibrar enunciados relativizados. No pretérito do indicativo, o enunciador demonstra algo já acontecido, realizado que serve para justificar suas teses apresentadas e seus direcionamentos dados, como vemos em (124):

(124) “A herança que **ficou** de milênios de anulação **foi** a falta de identidade, coisa que nem a revolução sexual do século XX **conseguiu** superar totalmente. (ABRÃO, 2009, p. 3)

Essas teses e direcionamentos são demonstrados, por sua vez, no presente do indicativo pelo enunciador que conhece o ponto fraco do leitor e, por isso, precisa direcioná-lo, encaminhá-lo, e o faz de maneira assertiva. Observamos que, em (125), abaixo, a assertividade da afirmação taxativa (‘a cama se torna um palco (...), coisa artificial que parece seguir um script’) expressa no tempo presente não chega a ser afetada pela relativização produzida pelo verbo modal ‘parecer’:

(125) “Adeus naturalidade, espontaneidade, autenticidade. A cama se torna um palco e sua “atuação” com o parceiro uma coisa artificial, mecânica, que parece seguir um script ou um manual de instruções.” (ABRÃO, 2009, p. 55)

Em algumas situações, quando quer estimular seu leitor, o enunciador emprega o futuro do presente para exortar o leitor a tomar atitudes, viver sem culpa e conseguir o que quer a partir de seus esforços:

(126) “E assim, aprendendo, acertando, progredindo, você **confiará** mais em si mesmo e **terá** mais auto-estima.” (RIBEIRO, 1992, p. 53)

(127) “Mas tão importante quanto saber falar é saber ouvir. Esse é só um lembrete para que o diálogo não vire papo de mão única, afinal, ele tem direito de expor seus pontos de vista também e disso **resultará** a verdadeira interatividade (...).” (ABRÃO, 2009, p. 129)

O futuro do pretérito e os tempos do subjuntivo, por sua vez, criam um efeito de sentido contrário. Situando um estado-de-coisas no plano do irrealis, esse tempo traz para o enunciado um valor de incerteza, sem que necessariamente esse valor esteja associado ao enunciador. É o que acontece na ocorrência (128), em que o enunciador se refere a algo que poderia acontecer se o leitor concordasse ou seguisse as orientações do enunciador:

(128) “E faz sentido, pois se a mulher não estivesse tão interessada em sexo, não **sofreria** e não **estaria** em busca de solução para os problemas que não a deixam sentir desejo, prazer e chegar ao orgasmo.” (ABRÃO, 2009, p. 59)

O modo subjuntivo aponta para hipóteses e o enunciador leva o leitor à reflexão sobre a possibilidade de ocorrência dessas hipóteses e dos possíveis resultados delas obtidos, como vemos em (129) e (130):

- (129) “Se de repente você **esquecesse** tudo o que aprendeu até agora no ginásio, no colégio e na faculdade, ainda assim estaria melhor do que qualquer pessoa que nunca estudou. Por quê? Porque no processo de estudar, você aprendeu a pensar.” (RIBEIRO, 1992, p. 13)
- (130) “Se você se **permitisse** ao menos sonhar com uma história de amor para sua vida, como ela seria?” (ABRÃO, 2009, p. 106)

Com relação à estrutura sintática argumentativa dos discursos em questão, verificamos que a estrutura sintática usada pelos enunciadores tem influência sobre a assertividade e a relativização dos enunciados, provocando maior adesão por parte dos leitores aos aconselhamentos e orientações. As adversativas, por exemplo, ao promoverem uma inversão de direção argumentativa, relativizam a asserção feita na oração anterior. Vejamos o exemplo:

- (131) “A independência financeira se tornou realidade para a população feminina de boa parte do planeta, **mas** a dependência emocional continua.” (ABRÃO, 2009, p. 3)

A primeira oração do período traz uma afirmação taxativa: o enunciador é assertivo ao dizer que a independência financeira aconteceu para as mulheres. Mas, ao mudar a direção argumentativa do enunciado, o enunciador traz uma informação que relativiza o valor de verdade dessa afirmação, apresentando um argumento contrário a uma pressuposição de verdade (se a independência financeira é real, a independência emocional também é real **MAS**, contrariamente ao esperado, a dependência emocional

continua). Essa relativização é emblemática do tipo de processamento do discurso que queremos destacar: a assertividade, enquanto atitude pragmática expressa pela força ilocucionária, não é afetada pela relativização semântica expressa pela estrutura sintática adversativa.

Observamos também estruturas sintáticas equativas, como em (132) e (133), em que o enunciador expressa enunciados afirmativos como verdades indiscutíveis e que são, aos olhos do leitor, afirmações aceitáveis. Essas estruturas se mostraram mais recorrentes no discurso de autoajuda profissional, muito provavelmente devido ao caráter técnico adotado pelo enunciador. Temos como exemplos dessas estruturas equativas as seguintes passagens:

(132) “Vamos introduzir agora o conceito de cibernética à psicologia. **Cibernética é a ciência que estuda sistemas autônomos**, e assim é capaz de colocar inteligência em máquinas.” (RIBEIRO, 1992, p. 38)

(133) “**O homem é um animal social**. Este livro tornou-se realidade graças à ação de quem produziu o papel, de quem escreveu o texto (...).” (RIBEIRO, 1992, p. 66)

Há também o uso de estruturas completivas avaliadoras, em que o falante avalia uma situação, emite uma opinião assertiva, mas relativizada por um termo avaliativo (**ideal, importante**) de modo a convencer o leitor a seguir sua orientação, como vemos a seguir:

- (134) “Mas **o ideal** é dar um tempo nas paixões, até que as feridas estejam curadas e você reconheça o seu valor como mulher.” (ABRÃO, 2009, p. 121)
- (135) “**O importante** é aprender a pensar direito, e isso é possível (RIBEIRO, 1992, p. 15)

Do exposto, verificamos que os conteúdos semânticos dos enunciados dos discursos de autoajuda analisados são relativizados por formas lexicais sem que essas formas afetem a assertividade do enunciador. No discurso de autoajuda profissional, a relativização acontece nas camadas mais baixas do NR, há um menor envolvimento do enunciador com seu enunciado, que é apresentado de forma mais técnica e mais instrucional, pois o enunciador apela para a razão. Na obra de autoajuda para mulheres, a relativização acontece nas camadas mais altas do NR, com maior envolvimento do enunciador com o que é enunciado, afinal, o enunciador lida com as emoções dos leitores, e esses enunciados são apresentados com um tom de aconselhamento e menos instrucional. Em ambas as obras, os enunciadores fizeram uso de marcas de certeza para preservar a assertividade dos enunciados mesmo quando o conteúdo semântico desses enunciados estava sendo relativizado.

CONCLUSÕES

O trabalho aqui apresentado buscou mostrar a assertividade e o uso dos modificadores relativizadores no discurso da autoajuda em duas obras representantes desse discurso: *Abaixo a mulher capacho* (ABRÃO, 2009) e *O sucesso não ocorre por acaso* (RIBEIRO, 1992)

Partindo do princípio de que o discurso de autoajuda tem como característica a assertividade, a nossa hipótese era a de que o conteúdo semântico veiculado por esse discurso pudesse ser relativizado sem que essa relativização afetasse a assertividade do sujeito enunciador da autoajuda e nem seu lugar de conhecimento e saber. Essa pesquisa teve como objetivo primeiro estabelecer uma relação entre as configurações semânticas e pragmáticas dos modificadores que pudessem relativizar o conteúdo dos enunciados aqui analisados.

Para atingir os objetivos propostos, esse trabalho foi realizado dentro de uma perspectiva funcionalista da linguagem, adotando o aparato teórico da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008) e sob o olhar do ponto de vista da Pragmática, dando possibilidade de um estudo mais amplo sobre a assertividade e a relativização. Dentro dessa perspectiva teórica, foi

possível analisar a assertividade como uma característica da Ilocução, no Nível Interpessoal, e identificar as formas de expressão da relativização nas diferentes camadas do Nível Representacional.

Com relação à assertividade, apontada como característica maior do enunciador do discurso da autoajuda, sua descrição pôde ser feita pelos elementos que constituem, segundo Vanderveken (1985), uma asserção. Esses elementos (ponto ilocucional, modo de realização, condições preparatórias e condições de sinceridade) expressam o que o enunciador pretende fazer ao executar um ato assertivo, que pode ter como modo de realização um relato, um aconselhamento ou uma afirmação. Esse ato assertivo é realizado quando o enunciador da autoajuda evidencia conhecimento suficiente para lidar com o assunto descrito, ou seja, quando ele se mostra em uma posição de saber e posiciona seu leitor em uma posição de alguém que precisa ser ajudado. Além disso, o ato assertivo no discurso de autoajuda envolve uma expressão de crença, conselho e direção por parte do enunciador.

Com relação aos enunciadores das obras selecionadas, foram encontrados traços semelhantes que os caracterizaram como enunciadores de literatura de autoajuda: por meio dos enunciados, eles se apresentaram como sujeitos fortes, confiantes, seguros e otimistas, procurando dizer somente aquilo que os leitores querem, precisam e desejam ouvir. Os enunciadores, convictos e comprometidos com as teses que estavam enunciando de um lugar de saber e conhecimento, proporcionaram orientações seguras ao mostrarem aos leitores que

há como superar impossibilidades, inseguranças e medos, desde que acreditem na força do poder interior de cada um. A convicção da verdade das teses defendidas e a certeza de dias melhores pregadas pelos enunciadores não deixam espaço para dúvidas e incertezas, o que leva os enunciadores e seus enunciados a serem extremamente assertivos. Essa característica comprova o que Brunelli (2004) constatou: que a certeza é um traço semântico que constitui o discurso de autoajuda.

Ao tratarmos a temática das obras, observamos algumas diferenças relevantes. A obra *Abaixo a mulher capacho* lida com uma temática voltada para a autoestima e valorização da mulher enquanto *O sucesso não ocorre por acaso* trabalha a temática do sucesso profissional e financeiro. O enunciador da obra para mulheres atinge seu leitor pela emoção, pelo sentimento e pela auto-valorização em um discurso de aconselhamento, sem agredir o leitor; o enunciador do livro voltado para o sucesso conduz o leitor na direção da razão, com uma linguagem mais técnica e focada no objetivo de obter sucesso.

Levando em consideração a temática dos discursos, uma diferença bastante evidente está relacionada ao modo como o enunciador se refere ao leitor. O enunciador da autoajuda profissional prefere se dirigir diretamente ao leitor, fazendo uso do pronome você individualizado, enquanto o enunciador da autoajuda para mulheres se utiliza do mesmo pronome, mas com referente genérico. Essa preferência está relacionada ao comportamento mais didático e instrucional presente no discurso de Ribeiro em oposição a um tom menos impositivo assumido por Abrão.

Além disso, vimos que, ao se posicionarem nos discursos para buscar aproximação com o leitor, os enunciadores da autoajuda criaram efeitos de sentido distintos em cada um dos discursos analisados. Mostramos essa característica pelo uso das formas pronominais EU e NÓS feito pelos enunciadores. Em *Abaixo a mulher capacho*, o enunciador se aproxima do leitor, mas mantém-se em uma posição diferente do seu leitor, ou seja, ele não está na condição de capacho, não havendo uma relação de igualdade entre eles. Já em *O sucesso não ocorre por acaso*, o enunciador também se aproxima do leitor por meio do EU e do NÓS, mas se posiciona em uma relação de igualdade porque tanto leitor quanto enunciador buscam a mesma coisa: o sucesso.

Houve também, em uma relação intertextual, o uso de reportativos por parte dos enunciadores para assegurar e manter a assertividade. Ao atribuir a fonte de informação de forma explícita ou de forma menos definida a outro, o enunciador da autoajuda para mulheres gera um efeito de credibilidade e de valor de verdade, respectivamente. Já o enunciador da autoajuda profissional prefere dispensar o uso de reportativos, colocando-se como a fonte do conhecimento que veicula.

Para buscar entender como esses enunciados foram relativizados sem que essa relativização afetasse a assertividade do sujeito enunciador e o seu lugar de conhecimento e saber, analisamos as formas lexicais de expressão da relativização encontradas no corpúsculo.

Verificamos que a diferença temática dos discursos selecionados também influenciou o uso dos modificadores identificados. Na obra de Abrão (2009), os

modificadores mais usados pertencem às camadas mais altas do Nível Representacional (Conteúdo Proposicional e Estado-de-coisas). A presença desses modificadores nas camadas mais altas do Nível Representacional relevou-se por conta de um maior envolvimento do enunciador com a subjetividade dos enunciados. Houve uma relativização dos conteúdos assertivos por meio de elementos linguísticos que sugeriram um enunciador mais próximo do leitor, que aconselha como em uma conversa entre amigos. Com o resultado da análise, verificamos que o enunciador, ao usar verbos inferenciais e advérbios modalizadores na camada do Conteúdo Proposicional e adjetivos modalizadores, verbos e advérbios aspectualizadores na camada do Estado-de-coisas, lança mão de sua opinião, posiciona-se perante o leitor, relativiza os enunciados e se envolve com enunciados mais subjetivos.

Na obra de Ribeiro (1992), observamos o contrário. Os modificadores relativizadores mais usados ocorreram na camada mais baixa do Nível Representacional, a da Propriedade Lexical, e, com isso, distanciando ainda mais a avaliação da subjetividade do enunciador. Os modificadores na camada da Propriedade lexical expressam quantificação indeterminada e frequência indeterminada de um evento; o enunciador, que é mais técnico e objetivo, ao pautar seus enunciados nessa camada, acaba relativizando-os de maneira menos subjetiva.

Aceitando a inter-relação entre camada da expressão relativizadora e subjetividade, podemos identificar dois comportamentos do enunciador da autoajuda:

- i) ao situar a relativização no nível semântico, esse enunciador mantém inalterada a sua atitude pragmática assertiva;
- ii) ao relativizar o valor semântico das unidades alojadas nas camadas mais baixas do nível semântico, esse enunciador preserva o traço mais objetivo de suas afirmações.

Na composição da assertividade, observamos também que certos enunciados relativizados foram acompanhados de formas de indicação de certeza. Essas indicações apareceram na forma de advérbios e adjetivos modalizadores e também na categoria modo/tempo. Essas indicações de certeza foram usadas pelos enunciadores para equilibrar o efeito causado pela relativização, ajudando a preservar o caráter assertivo dos discursos em questão.

Em um discurso que busca convencer e guiar o leitor a seguir a linha de pensamento e de conduta estabelecida pelo enunciador, a assertividade se constrói como uma forma de demonstrar sua certeza e segurança a respeito das teses por ele enunciadas. Nesse contexto, as afirmações relativizadas mostram-se necessárias para falar sobre e para esse leitor genérico, evitando afirmações taxativas que poderiam provocar a não-adesão do leitor. Ao final, observamos que assumir uma atitude pragmática assertiva e relativizar conteúdos semânticos sem expressão da subjetividade do enunciador são estratégias que concorrem para um mesmo efeito, o de aproximação entre um enunciador que detém um saber e um leitor carente de orientação. Como afirma Chagas (2001, p. 77), os enunciadores “têm a pretensão e sabem, como ninguém, se posicionar como senhores absolutos,

como seres dotados de dons superiores que, a qualquer preço, farão todos os seus seguidores viverem em torno de si, crendo naquilo que prometem.”

Tendo em vista que os fenômenos inerentes ao processamento do discurso são incorporados por uma análise funcionalista nos moldes da GDF, esperamos ter demonstrado que a análise dos elementos linguísticos aqui identificados como relativizadores pode contribuir para o entendimento do papel do sujeito-enunciador do discurso de autoajuda. A caracterização da assertividade desse enunciador feita no Nível Interpessoal não se choca com a relativização de conteúdos feita no Nível Representacional; antes, esses dois processos se somam na construção de um discurso que se pauta pela expressão da certeza do enunciador sobre o conjunto de competências e conhecimentos que ele possui, incluídas nesse conhecimento as possibilidades em relação à potencialidade e ao futuro do leitor. Esperamos também ter demonstrado a adequação da GDF ao fenômeno aqui estudado; como um modelo que adota a visão de língua como instrumento de interação verbal, a GDF nos permitiu uma análise de forma integrada entre o pragmático, o semântico e o sintático.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, S. **Abaixo a mulher capacho**. Barueri-SP: Manole, 2009.

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. London: Oxford University Press, 1962.

BIANCHI, C. Semantics and Pragmatics: The Distinction Reloaded. In.: _____. (Ed.). **The Semantics/pragmatics distinction**. Standfor, California. CSLI Publications, 2004, p. 1-9.

BOSCO, A. M. **Sucessos não ocorrem por acaso; literaturas de auto-ajuda**. Campinas, 2001. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, IEL- Unicamp-SP.

BRUNELLI, A. F. **O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de auto-ajuda**. Campinas, 2004. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, IEL- Unicamp-SP.

BRUNELLI, A, F. O ethos da auto-ajuda. **Revista de Estudos da linguagem**. v. 13, n. 2, p. 27-51, 2005.

BRUNELLI, A, F. Confiança e otimismo: intersecções entre o ethos do discurso de auto-ajuda e o do discurso da Amway. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). **Ethos Discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 133-148.

BRUNELLI, A, F.; DALL' AGLIO-HATTNER, M. M. A qualificação do dever: diálogo entre a análise do discurso e a abordagem funcional. **Revista do GEL**, v.6, n. 1, p. 179-190, 2009.

CAWELTI, J. Ringer to Sheehy to Pirsig: **The Geening of American Ideals of Success**. In: *Journal of American Culture*, vol. 2, n.1, 1979.

CHAGAS, A. T. S. das. **A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social**. 2.ed. revisada. Ijuí. Ed. Unijuí, 2001.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

DIK, S. **The Theory of Functional Grammar**. Pt. I: The Structure of the clause. Dordrecht-Holland/Providence RI-USA: Foris Publication, 1989.

DIK, S. et al. The hierarchical structure of the clause and the typology of perception of adverbial satellites. In.: NUYTS, J. BOLKESTEIN, A. M. VET, C. (eds.) **Layers and Levels of Representation in Language Theory**. Amsterdam and Philadelphia, PA: Benjamins, 1990, 25-70.

DIK, S. C. **The Theory of Functional Grammar**. Pt. II: Complex and Derived Constructions. Ed. K. Hengeveld. (Functional Grammar Series 21) Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 1997.

FERRARI, L. V.; SOUZA, A. L. T. de. E quero dizer que a candidata não respondeu à minha pergunta: construções assertivas explícitas no debate político-eleitoral. **VEREDAS - Rev. Est. Ling**, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p.233-246, 2003.

GARBELINI, J. A. V. **Da ação e do sujeito da ação: um estudo sobre a natureza e o funcionamento do ato assertivo de crítica em intervenções responsivas**. Belo Horizonte, 2007. Tese (Doutorado em estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais

GRISWOLD, A. W. New Thought: A Cult of Success. **The American Journal of Sociology**, Vol. 40, No. 3, pp. 309-318, 1934.

GUIMARÃES, E. As fronteiras entre semântica e pragmática. In: ZANDWAIS, A. (org.). **Relações entre pragmática e enunciação**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002, p. 36-46.

HENGEVELD, K. MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar: A Typologically-Based Theory of Language Structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGEVELD, K. MACKENZIE, J. L. Gramática Discursivo-Funcional: Tradução por Marize Mattos Dall'Aglio Hattner. In: HEINE B.; NARROG, H. (Orgs.). **Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 1- 47.

HENGEVELD, K.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Four types of evidentiality. In: *The Nature of Evidentiality*, v. 1., 2012, Leiden, Holanda. **Comunicação...**Leiden, Holanda: University of Leiden, 2012. p. 30-31.

KOOGAN, A. HOUAISS, A. **Enciclopédia e dicionário ilustrado**. Rio de Janeiro: Edições Delta, 1996.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia; GALVAO, V. C. C. Polaridade no encaixamento: relação entre camadas de negação e integração de orações. In: Kemmler, Rolf; Schäfer-Prieβ Barbara; Schönberger, Axel (eds.). (Org.). **Portugiesische Sprachgeschichte und Sprachgeschichtsschreibung**. 1 ed. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, 2006, v. 1, p. 257-266.

MARI, H. “Atos de fala no discurso de candidatos à Prefeitura de Belo Horizonte: análise da promessa e da crítica”. MACHADO, I. L. et al. (org.) **Teorias e práticas discursivas**. Estudos em Análise do discurso. Belo Horizonte: Carol Borges, 1998.

MENDES, P. H. A. Análise comparativa dos discursos de final de um ano de governo proferidos por FHC em rádio e televisão. In MACHADO, I. L.; CRUZ, A. R.; LYSARDO-DIAS, D. **Estudos em Análise do Discurso da Fale-UFMG**. Belo Horizonte: Carol Borges, 1998, p.271-298.

MOUTAOUAKIL, A. Towards an adequate representation of illocutionary forces in Functional Grammar. **Working Paper on Functional Grammar**, 10, 1986.

NAGAMURA, G. H. **Análise funcional dos evidenciais e modalizadores no discurso da autoajuda da saúde**. São José do Rio Preto, 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista.

PRIBERAM. DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA ONLINE. Disponível em <<http://www.priberam.pt/DLPO>> Acesso em 01 dez 2012.

RIBEIRO, L. **O sucesso não ocorre por acaso**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

RÜDIGER, F. **Literatura de auto-ajuda e individualismo**: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1996.

SANT ANNA, S. **Atos de fala em crônicas de Luis Fernando Veríssimo**. IV ELETRARTE, Rio de Janeiro, 2009.

SAINT PIERRE, M. Ilocutoire et modalisation: les marqueurs d'intensité en français. **Revue Québécoise de Linguistique**. V. 20, n. 2, p. 223-237, 1991.

SEARLE, R. J. **Speech Acts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SILVA, A. R.; TEIXEIRA, M. P. Análise da performatividade da linguagem em uma sentença de pronúncia. **RevLet-Revista Virtual de Letras**. v. 2, n. 1, 2010, p. 182-197.

SMILES, S. **Ajuda-te** (Self-help). Rio de Janeiro/Paris: Garnier, s/d (publicação original 1859)

SOBRAL, A. U. **Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero de auto-ajuda**. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

TURMINA, A. C. Literatura de autoajuda: um olhar sobre as relações de Trabalho. **Contrapontos**. vol. 9, n. 3 –, Itajaí, set/dez 2009, p. 94-109.

VANDERVEKEN, D. O que é uma força ilocucionária? In.: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas: IEL-UNICAMP, 1985, p. 173-195.

VANDERVEKEN, D. **Meaning and speech acts**: principles of language use. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, v. 1.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

São José do Rio Preto, 28 de fevereiro de 2013

LISÂNGELA APARECIDA GUIRALDELLI